



# hallceart

#06

Egressos do Ceart: trajetórias em perspectiva  
Mãos na terra: arte da cerâmica é perpetuada na Udesc  
A história da Música em Desterro  
Teatro em Comunidades



Salut!





Foto: Nicolas Haverroth

### **Um brinde à pluralidade**

Seja bem-vindo ao nosso hall, a mais uma Hallceart. Celebramos esta edição com uma série de reportagens que trazem o dinamismo e a pluralidade do Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), que em 2020 completa 35 anos!

Iniciando esta edição, compartilhamos com você um pouco da trajetória de egressos formados no Ceart que se destacam em suas respectivas áreas de atuação. Nossa equipe conversou com Susano Correia, Manu Cunhas, Laura Pereira, Eloisa Gonzaga e Marcelo Perna sobre seus anseios e desafios profissionais.

Nas seções temáticas, Rafael Moreira escreve sobre a arte milenar da cerâmica, perpetuada na Udesc por meio do ensino, pesquisa e extensão em Artes Visuais; Edgar Fuck nos mostra como reconhecer o Design em nossas vidas (ele está por toda parte!); e Mariana Passuello apresenta um projeto de mestrado desenvolvido no Centro de Artes sobre estampas táteis para deficientes visuais.

O professor Acácio Piedade, premiado por suas composições autorais, é um dos entrevistados desta edição; e os projetos de teatro em comunidades desenvolvidos pela nossa saudosa Marcinha - professora Marcia Pompeo (*in memoriam*) - são apresentados também neste número.

Professores da casa e demais colaboradores nos presenteiam com interessantes reflexões em suas respectivas áreas de atuação: Raquel Stolf e Regina Melim (Artes Visuais), Anelise Zimmermann, Claudia Christina Merz e Henrique Nardi (Design), Lucas da Rosa (Moda), Marcos Holler (Música) e Fátima Costa de Lima (Teatro).

Celebre conosco esta 6ª edição e boa leitura! ■

## Foto de capa



Foto: Nicolas Haverroth  
Arte: Heitor Lehmkuhl

## Fotos de entrada e saída



Fotos: Nicolas Haverroth

## quem faz o quê?

### Revista Hallcart

Dezembro de 2019  
Distribuição gratuita

### Universidade do Estado de Santa Catarina

Reitor: Marcus Tomasi  
Vice-Reitor: Leandro Zvirtes

### Centro de Artes da Udesc

Diretora Geral:  
Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva  
Editora: Laís Moser I MTB: 3799/SC

### Conselho Editorial

#### Presidente

- Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

#### Editora

- Laís Campos Moser

#### Diretora de Arte

- Gabriela Botelho Mager

#### Diretor de Fotografia

- Cláudio Brandão

#### Departamento de Artes Cênicas

- Vicente Concilio

#### Departamento de Artes Visuais

- Célia Maria Antonacci Ramos

#### Departamento de Design

- Flávio Anthero Nunes Viana dos Santos

#### Departamento de Moda

- Monique Vandresen

#### Departamento de Música

- Valeria Maria Fuser Bittar

#### Representantes Discentes

- Heitor Lehmkuhl dos Santos
- Vinicius Luge de Oliveira

### Projeto Gráfico

- Camila Meyer
- Mariele Fantini

### Editoração e Design Gráfico

- Edgar Fuck
- Heitor Lehmkuhl dos Santos

### Colaboradores desta edição

#### Artigos e textos

- Anelise Zimmermann

- Claudia Christina Merz
- Edgar Fuck
- Fátima Costa de Lima
- Henrique Nardi
- Laís Campos Moser
- Linda Inês Pereira Lima
- Lucas da Rosa
- Marcos Holler
- Mariana Passuello
- Rafael Prudencio Moreira
- Raquel Stolf
- Regina Melim

#### Fotografias

- A.Gudo Fotografia
- Andressa Turcatto
- Cirque du Soleil/Divulgação
- Danísio Silva
- Denise Helfenstein
- Eduardo Beltrame
- Eduardo Hollanda
- Heitor Lehmkuhl
- Jackson Dartanhan Chiappa
- James Mota
- Jerusa Mary
- Laís Campos Moser
- Léo Queiroz
- Letícia Schuelter de Lima
- Lucy Hallak

- Mariana Passuello
- Mariana Smânia
- Nicolas Haverroth
- Pedro Oliveira
- Rafael Prudencio Moreira
- Raquel Stolf
- Regina Melim
- Silfarlem Oliveira
- Tainá Bernard
- Tharciana Goulart
- Vanessa Soares

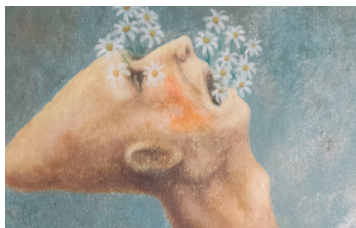
### Impressão

Gráfica CS  
Tiragem: 2mil exemplares  
80 páginas

### Contato

Núcleo de Comunicação do  
Centro de Artes da Udesc  
Av. Madre Benvenuta, 1907,  
Itacorubi, Florianópolis/SC  
CEP: 88.035-901  
+55 (48) 3664-8350  
comunicacao.ceart@udesc.br

\* Os textos assinados são de  
responsabilidade de seus autores

no  
hall 08**Em foco**  
**Trajetórias**  
**em Perspectiva**

Egressos do Ceart  
falam sobre suas carreiras

artes  
visu  
ais 16**Em foco**  
**Mãos na terra**

Arte milenar da cerâmica é perpetuada  
na Udesc por meio do ensino, pesquisa  
e extensão em Artes Visuais

desi  
gn 28**Em foco**  
**Como reconhecer**  
**o design no dia a dia**

Conversamos com alunos, ex-alunos e  
professores da área de design na Udesc

**Circuito Universitário**  
**Sesc-Udesc de Artes**  
**Cênicas e Música** 14

Parceria entre Udesc e Sesc circula  
produção artística do Ceart  
em cidades de Santa Catarina

**Em foco**  
**Sala de Leitura**  
**e Sala de Escuta** 20

Por Raquel Stolf e Regina Melim

**Em foco**  
**A tipografia para**  
**crianças: entre**  
**tipos e desenhos** 32

Por Anelise Zimmermann, Claudia  
Christina Merz e Henrique Nardi

**Em foco**  
**Hallceart Audiovisual** 76

Revista Hallceart amplia produção de  
conteúdo com minidocumentários sobre  
ações e projetos do Centro de Artes

**Portfolio** 24

Seleção de trabalhos  
realizados por alunos  
e professores do curso  
de Artes Visuais da Udesc

**Portfolio** 36

Seleção de trabalhos  
realizados por acadêmicos  
do curso de Design  
da Udesc

mo  
da

40



### Em foco Para ver com as mãos

Aluna de mestrado em Moda da Udesc desenvolve etiquetas e estampas táteis para acessibilidade de deficientes visuais

mú  
si  
ca

52



### Ping Pong Acácio Piedade: composição e antropologia

O professor de Música fala sobre sua trajetória e a composição na universidade

tea  
tro

64



### Teatro nas comunidades

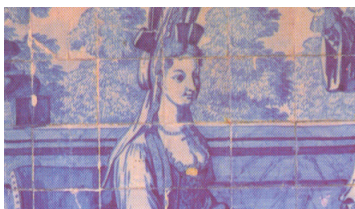
Professora Marcia Pompeo, referência desta área no Brasil, deixa legado internacional



### Em foco Economia Criativa

Por Lucas da Rosa

44



### Em foco A história da música em Desterro

Por Marcos Holler

56



### Em foco Reflexões sobre a pesquisa do carnaval no Ceart

Por Fátima Costa de Lima

68

### Portfólio

Seleção de trabalhos apresentados por acadêmicos de Moda no OCTA Fashion 2019

48

### Portfólio

Seleção de apresentações realizadas por alunos e professores do curso de Música da Udesc

60

### Portfólio

Seleção de espetáculos apresentados por alunos do curso de Teatro da Udesc

72



Susano Correia em registro  
de Tharciana Goulart

## Trajetórias em perspectiva

Susano Correia, Manu Cunhas, Laura Pereira, Eloisa Gonzaga e Marcelo Perna trilharam seus caminhos nas áreas em que escolheram atuar – Artes Visuais, Design, Moda, Música ou Teatro. Formados no Centro de Artes da Udesc, os egressos compartilham com a Hallceart um pouco de suas trajetórias, anseios e desafios profissionais.

### **Susano Correia - Artes Visuais**

Por Mariana Passuello, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Criar atalhos através da imagem para levar a palavra e compartilhar reflexões é a arte de Susano Correia. Com desenhos, gravuras e pinturas, o catarinense conquistou destaque nas redes sociais e possui mais de 100 mil seguidores no Instagram e 250 mil no Facebook. Nos traços e nas frases do artista, o público encontra o produto das vivências e dos estudos do ex-aluno da Udesc.

Formado em Artes Visuais (licenciatura), Susano estudou no Centro de Artes entre 2011 e 2015. Foi por meio da universidade que teve a possibilidade de expandir seus horizontes e conhecer mais do universo artístico. “A Udesc foi imprescindível na minha formação. Me proporcionou ir a muitos

lugares, viajar em momentos que eu não poderia ir por conta própria, visitar bienais e exposições”, conta o artista.

Entretanto, a jornada para obter reconhecimento começou em 2009. O primeiro passo de Susano foi criar um blog, um local para publicar todas as produções que desenvolvia a partir dos seus sentimentos e seus aprendizados. “Religiosamente eu estudava desenho e publicava no blog”, lembra ele. Com a popularização de novas redes, o público cresceu e os locais disponíveis para divulgar seu trabalho também.

A vida de Susano é seu processo criativo. À procura de um tema para seu projeto de conclusão de curso, atento ao seu redor e inspirado por Franklin Cascaes, criou a série Embruxados. Nesse universo simbólico próprio, o artista começou a utilizar a ideia de “embruxamento”, citada por Cascaes em um documentário, nos desenhos com questões introspectivas e psicológicas. Atualmente é seu projeto principal e com maior engajamento nas redes.

Outro projeto bem-sucedido visa algo mais duradouro e clássico, segundo o artista. Com dois livros publicados, o processo da internet foi parar no papel. “Face a face com o abismo”, lançado em 2018, é continuação de “Notas Visuais”, de 2017. Cada um possui nove ensaios, desenhos e pinturas. O equilíbrio entre imagem e palavra faz parte do projeto editorial, valorizando as duas linguagens adotadas como principais formas de expressão.

Do número de seguidores à publicação dos livros, tudo é orgulho para Susano. “Fico muito contente do meu processo autoral ser o meu ganha pão”. As conquistas vieram com as características que ele recomenda para novos artistas: ter referências, ser sonhador e romântico com consciência sobre a realidade. Mas, para ele, o mais importante é “ter delicadeza para educar através da arte”.



Autorretrato produzido pela ilustradora

## Manu Cunhas - Design Gráfico

Por Linda Inês Pereira Lima, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Começar a vida profissional não é fácil para quem está saindo da universidade. Para Manuela Cunha Soares, que se formou na Udesc Ceart em 2011, esse início profissional começou cedo. Logo no primeiro ano de faculdade, em 2006, começou um estágio onde conseguiu seus primeiros clientes. “Quando notei que eu podia trabalhar como *freelancer* e que era uma possibilidade real, foi para onde me direcionei”. Quando se formou, Manuela tinha uma experiência de cinco anos como autônoma.

Assim como muitos estudantes de design gráfico, Manu Cunhas (como é chamada em seu perfil do instagram) sempre gostou de consumir livros ilustrados, histórias em quadrinhos e antes de entrar no curso não fazia ideia que poderia trabalhar com isso. Hoje, 13 anos depois da sua formatura, ganhou o prêmio Jabuti de ilustração em 2017 pelo seu trabalho “Outras Meninas” e também participou como jurada da edição de 2018.

Em sua trajetória, foi professora colaboradora do curso de Design da Udesc entre 2013 e 2017 e desenvolveu dois projetos de colaboração coletiva, sendo eles os livros “Como diria meu gato” e o “Guia de cuidados felinos”. As produções consistem em livros com ilustrações desenvolvidas para o projeto Adote um RomRom. Utilizando essa experiência, Manuela conta a importância de o aluno de design gráfico envolver-se em diferentes projetos e se engajar em ONG’s e demais organizações, para conseguir montar um portfólio profissional.

Em 2017, mobilizou por uma plataforma de financiamento coletivo o lançamento do seu terceiro livro, o premiado “Outras Meninas”. Nessa obra, Manu busca abordar a relação de mulheres com seus corpos, produzindo ilustrações baseadas em relatos pessoais de outras mulheres.

“Eu acredito que muitas vezes precisamos educar o cliente para que ele compreenda o processo do projeto com clareza”. A partir disso, Manu afirma que para trabalhar em qualquer área o designer precisa acreditar no seu potencial, além de ter uma postura profissional que defina a sua personalidade.

Para quem procura trabalhar como *freelancer*, a designer afirma que é preciso saber gerenciar muito

bem o seu tempo. Dentro do meio universitário, Manu conta que para se destacar é preciso estar sempre divulgando projetos que realizou e também investir em material autoral além das disciplinas do curso. “No fim acaba sendo sua atitude pessoal que vai te diferenciar no mercado. Não se limite à faculdade, conseguir pensar além desse cenário é muito importante”, finaliza.

## Laura Pereira - Moda e Design Gráfico

Por Laís Campos Moser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Com artigos que remetem ao minimalismo e contemporaneidade, Laura Pereira consolida sua marca de artigos para viagem e já a circula em âmbito internacional. Formada em Design Gráfico pela Udesc em 2007, viu uma oportunidade de mercado relacionada às marcas independentes, que estavam expandindo-se na época. E foi a partir daí que iniciou a sua.

Em busca de novos aprendizados, decidiu retornar às salas de aula do Centro de Artes para cursar Moda, concluindo a segunda graduação em 2015. “Pela Udesc ter o melhor curso de Moda, pedi retorno de diplomados”, conta. A ideia era cursar algumas disciplinas de seu interesse, mas acabou fazendo o curso todo. “Fazia muito sentido cada semestre ser interdisciplinar e ter uma lógica por trás”, complementa. Com o novo curso, Laura agregou à sua expertise novas linguagens e metodologias. E trouxe para a área de Moda muito do que aprendeu no curso de Design, como noções de ergonomia e desenvolvimento de projetos. “Acho que os cursos são muito complementares. Por serem áreas afins, o Design Gráfico e Design de Moda por si só já são correspondentes”, reflete.



Laura Pereira em registro de Lucy Hallak

Levando seu nome, *Laura Pereira handcrafted Travel Goods*, a marca desenvolve peças feitas à mão: bolsas e mochilas, porta-cobertor, *tags* para bagagem, porta passaporte e outros itens. E a ideia é futuramente expandir o “feito à mão” para outros segmentos, como o de papelaria, por exemplo.

Imersas no mundo do empreendedorismo, Laura e Caroline Toledano – também formada em Design na Udesc – apostaram há dois anos na criação do Nomad Mercado em Florianópolis, uma feira de marcas e designers com produção local e independente. Completando seis edições no final de 2019, a feira busca proporcionar uma troca de saberes, habilidades, produtos e tempo das pessoas.

“A gente sente que contribui muito para o local, tanto o público que vai visitar e ter acesso a esses produtos, quanto quem faz e pode comercializar. Basicamente é uma coisa muito simples, que é juntar quem faz com quem precisa, com quem quer”, conta Laura. “Na prática não é nada simples, chamar tanta gente, colocar aquele evento todo de pé, envolve muitos detalhes, mas sentimos que cada vez mais tem que ter iniciativas assim”, complementa.

O Nomad cresceu tanto que, em 2019, uma de suas edições aconteceu em parceria com a reconhecida Feira Rosenbaum, de São Paulo, trazendo para o Centro Integrado de Cultura (CIC) diversos artistas e designers com suas criações autorais. “Foi muito importante trazê-los e fazer esse intercâmbio, disponibilizando também para as pessoas em Floripa um pouco do que se faz em outros lugares do Brasil. Isso foi muito legal, e a gente segue firme e forte”, conclui.

## Eloisa Gonzaga - Música

Por Edgar Fuck, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Apesar de sempre ter a música como algo presente em sua vida, Eloisa Costa Gonzaga só foi estudá-la em sua segunda graduação, após formar-se em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). “Eu sempre achei que seria impossível entrar em um curso de música. Depois que terminei a Pedagogia, comecei a dar aula e paguei por aulas particulares de teoria para poder fazer a prova da Udesc, e consegui entrar”. Ela se formou no curso de Licenciatura em



Eloisa Gonzaga em registro  
de Nicolas Haverroth

Música do Centro de Artes em 2017, e conta que decidiu fazer o curso para “unir o útil ao agradável”: sua paixão pela música e sua vontade de ensinar.

Eloisa vem de uma família de músicos, com raízes no cacumbi – uma manifestação de origem afro-brasileira ligada ao catolicismo – e no samba, presente em sua vida até hoje, tanto na família quanto na sua carreira como cantora. “Já tem 20 anos que eu canto nas casas de samba de Florianópolis, já fiz muita produção em estúdio, já gravei para várias pessoas. Já fiz alguns trabalhos também em São Paulo e pelo estado [de Santa Catarina]”. Ela trabalha de forma independente, contando com a ajuda de amigos e familiares para a produção de suas músicas e divulga seu trabalho através de suas redes sociais.

Na Udesc, Eloisa manteve seu contato com a Pedagogia através do programa de extensão “Artisticidade. Cultura. Educação Musical”, coordenado pela professora Vânia Beatriz Müller, que, com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), leva música

para os alunos do 3º ao 6º ano da Escola de Educação Básica Simão José Hess.

Ela também se aprofundou em estudos afro-brasileiros, principalmente por sentir falta de perspectivas não brancas no currículo de seu curso, segundo ela. Essas reflexões a levaram a escolher o cacumbi como tema de seu Trabalho de Conclusão de Curso. “Tinha certos momentos em que eu não me sentia parte desse lugar, até o ponto de pensar que o cacumbi não seria algo interessante de ser pesquisado”.

Atualmente, Eloisa é mestranda em Educação Musical na Udesc – analisando como o negro é retratado nos livros didáticos de artes – e faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas “Inventa - música, infância e educação” e do Núcleo Diversidade, Direitos Humanos e Ações Afirmativas (Nudha). Ela pensa em seguir carreira como professora, ou na universidade ou na educação básica, mas sem deixar de cantar. “Aqui que eu fui começar a entender que a música para mim é como comer, é uma questão de sobrevivência também, de estar no mundo. Eu acho que música é isso”.

## Marcelo Perna - Teatro

Por Mariana Passuello, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Para provocar, fazer rir, refletir e transformar, Marcelo Perna escolheu o teatro. Artista com orgulho, atualmente é um dos atores da companhia canadense Cirque Du Soleil e se apresenta no espetáculo Corteo. Da Udesc para o mundo, ele leva sua dedicação e seu amor pela interpretação por onde passa.

Em 1996, depois de formado, os desafios do mercado artístico em um país sem muitas políticas públicas culturais mostraram-se presentes. “Eu tinha que pagar minhas contas, tive que me inserir no mercado, o que não é nada fácil”, reconhece o ator. Mas, com o conhecimento teórico e as experiências práticas adquiridas durante uma graduação muito produtiva, Marcelo dedicou-se para que o teatro impactasse e divertisse seu público.

Trabalhando muito, realizando eventos e diversas performances, o artista conquistou o que hoje é uma grande realização pessoal. “Com o meu trabalho de ator, de artista, eu consegui comprar a minha casa”, conta com orgulho. Para ele, os fracassos que acontecem ao longo da trajetória são o que prepara qualquer um para os momentos de sucesso.

O maior reconhecimento e conquista profissional da carreira de Marcelo é ser um dos membros do Cirque Du Soleil. Privilegiado pela oportunidade de viajar e conhecer diferentes países interpretando o Palhaço Branco, estar em uma companhia com grande estrutura é muito prazeroso para o artista. “Tenho muito orgulho, porque eu estou em um lugar que 99% dos atores gostariam de estar e eu tenho o privilégio de fazer parte dessa equipe”.

Na visão de Marcelo, o sucesso real do ator é estar feliz com o que faz. Para ele, a paixão em realizar seu trabalho está ligada com o papel da arte na vida das pessoas. “O teatro é importante porque faz com que as pessoas reflitam, eu acredito que é uma maneira de tentar transformar a sociedade”. Por isso, cada vez que interpreta alguém diferente, Marcelo executa o trabalho com o que acha essencial à profissão: amor e verdade. ■



Marcelo Perna em registro de Cirque du Soleil



Espectáculo *Auto da Compadecida*, que foi apresentado nas cidades de Criciúma, Lages, Laguna e Tijucas em 2018  
Foto: Mariana Smânia

# Circuito Universitário Sesc-Udesc de Artes Cênicas e Música

Parceria entre Udesc e Sesc proporciona circulação da produção artística do Centro de Artes em cidades de Santa Catarina

Por Laís Campos Moser, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Um centro de artes pulsa criação e produção artística. Em Florianópolis, o Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) promove para a comunidade diversas apresentações culturais gratuitas, tanto no ambiente da universidade, quanto em outros espaços culturais da cidade. E uma parceria entre a Udesc e o Sesc em Santa Catarina tem possibilitado que parte dessa produção chegue a outros municípios catarinenses, a outros espaços culturais, a outros públicos.

Em 2019, a 2ª edição do Circuito Universitário Sesc-Udesc de Artes Cênicas e Música foi realizada em 15 cidades de Santa Catarina durante o mês de julho: Blumenau, Brusque, Caçador, Chapecó, Concórdia, Criciúma, Itajaí, Jaraguá do Sul, Joaçaba, Joinville, Lages, Laguna, Palhoça, Tijucas e Tubarão.

Na área de música foram realizadas apresentações da BigBand Udesc – grupo aberto à comunidade que visa a prática musical instrumental e vocal, improvisação,

composição e regência; e da Camerata de Violões da universidade, que apresentou o recital *Violões da Udesc*. Já na área de Teatro, subiram ao palco as peças *Coro dos Maus Alunos*, desenvolvida pela turma de Montagem Teatral; e o espetáculo *Poeira*, produzido na disciplina de Interpretação Teatral IV em 2018 pelo acadêmico Luan Renato.

Além de ampliar a circulação dos espetáculos produzidos na universidade, o projeto também possibilita o aprimoramento profissional dos estudantes que participam do evento. Para Daiane Dordete, diretora de Extensão, Cultura e Comunidade da Udesc Ceart, “o circuito dá visibilidade às produções artísticas do centro e colabora ainda com a divulgação dos cursos de graduação e pós-graduação da Udesc Ceart no Estado de Santa Catarina. É uma experiência de grande relevância para a formação de estudantes, que pretendemos expandir para as demais áreas de conhecimento do Ceart”.

O professor Bruno Madeira, do Departamento de Música, que viajou para Laguna, Tubarão, Criciúma e Lages junto a oito acadêmicos para a apresentação *Violões da Udesc*, comenta sobre a participação no projeto: “Foi perceptível o crescimento do grupo em aspectos musicais, profissionais e de convivência, tendo sido uma experiência enriquecedora e motivadora para todos os participantes. A oportunidade de alunos da primeira à oitava fase dos cursos de bacharelado em violão e licenciatura em música participarem de uma turnê como essa foi incrível, certamente marcando suas formações e apontando para caminhos profissionais”, afirma.

O docente também destaca que observou como positivo a recepção do espetáculo pelo público, “haja vista os comentários feitos pela plateia nos bate-papos realizados ao fim de cada apresentação”. “Destaco a importância desse tipo de projeto, no qual há o contato da comunidade



Peça *Coro dos Maus Alunos*. Foto: Jerusa Mary



Camerata de Violões da Udesc. Foto: Mariana Passuello

com a produção artística realizada dentro da nossa universidade, pública e gratuita”, complementa.

Em 2018, o evento foi realizado em 14 cidades de Santa Catarina, com a participação dos grupos Aulos Núcleo de Flautas Doce da Udesc – Música Antiga e Contemporânea e Madrigal Udesc, do Departamento de Música; e das peças *Auto da Compadecida* e *Resquício*, do Departamento de Artes Cênicas.

A parceria iniciou no ano de 2016, com a assinatura entre a Udesc e o Sesc de um convênio de cooperação técnico-científica e artística nas áreas de extensão e cultura. E para 2020 já está confirmada a terceira edição do circuito universitário. ■

# Mãos na terra

Arte milenar da cerâmica é perpetuada na Udesc por meio do ensino, pesquisa e extensão em Artes Visuais

Por Rafael Prudencio Moreira, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

“Amassa bem para tirar as bolhas de ar”, diz Rita Canemba com as mãos calejadas. Os ofícios de lecionar artes e produzir peças cerâmicas são seu sustento há mais de 30 anos. De fora do seu humilde ateliê no Sul da Ilha de Santa Catarina, é possível ouvir as batidas do bloco de argila na mesa de madeira. Som mais antigo que a idade da capital, antigamente chamada povoado de Nossa Senhora do Desterro. Os colonizadores e os colonizados há anos mergulham suas mãos na argila para produzir materiais utilitários, religiosos e artísticos.

Moradores de Florianópolis, como Rosângela Cherem, pesquisadora e professora na Udesc de História da Arte, lembram que na sua infância era comum comprar louças, potes e brinquedos de cerâmica no Mercado Público da capital. Antes das embalagens plásticas e geladeiras, eram utilizados potes cerâmicos para guardar e conservar peixes e outros alimentos. Os produtores destas peças, chamados de oleiros, trouxeram da Ilha dos Açores as rodas de feitiço artesanal. Os povos guaranis e outras etnias, anteriores à invasão portuguesa, deixaram seus registros mais antigos nos Sambaquis onde podem ser encontrados restos de conchas, ossos, zoólitos e objetos cerâmicos.

Na história humana, o uso da cerâmica é muito mais antigo do que os 346 anos do povoamento na ilha. Em 2012, uma descoberta arqueológica na China revelou fragmentos de um vaso feito há 20 mil anos. Este é o mais antigo registro em cerâmica da humanidade, que data do fim da Era Glacial. “É possível que os homens tivessem feito pulseiras, objetos plumários, cestaria, tecelagem, mas o que ficou de mais remoto são os desenhos parietais e de caverna, e os objetos cerâmicos”, diz a historiadora Rosângela.



Foto: Eduardo Beltrame

“A América Latina tem a tradição da cerâmica. E eles [povos originários] registravam praticamente toda a vida deles nas superfícies cerâmicas, como se fosse um computador. Todas as informações das colheitas, astrológicas e todas as informações que necessitavam passar de geração em geração estavam registradas na cerâmica de forma gráfica”, diz Rosana Bortolin, artista e professora de Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

Com a chegada do plástico e do alumínio, deu-se uma crise no mercado oleiro da região, particularmente forte no bairro Ponta de Baixo, no município vizinho São José. “No entanto, continuamos cercados de cerâmica”, ressalta Rosana. Seja no telhado, piso, tijolos, ossos e dentes artificiais, algumas peças de motor, o bico dos ônibus espaciais. Da antiguidade aos dias de hoje e da Terra até Marte, ela acompanha o ser humano onde e quando for.

## Processo de produção

Rita Canemba bate a argila na mesa até que esteja pronta para levar ao torno. Molha cuidadosamente a superfície que irá receber a peça para iniciar o processo de modelagem. Enquanto roda um disco grande de madeira com o pé, as mãos firmes e cautelosas pressionam o centro da peça de argila com os polegares e as bordas externas com a palma e os outros dedos, etapa conhecida como “subir a peça”. O vaso em seguida parte para o acabamento e, por fim, vai ao forno a lenha. É assim que ela aprendeu com o falecido Seu Duca, antigo oleiro de Florianópolis.

“Você não pode largar o fogo. Ele tem que ficar contínuo. E você vai alimentando ele devagar. Tem que começar bem devagar para não estourar as peças”, explica Rita. “Tem que ter muita paciência para fazer. Para mexer com a argila. Muita paciência”.



Foto: A.Gudo fotografia

Dependendo do tamanho da peça, o processo pode levar mais de oito horas queimando em contato direto com o fogo.

O motivo pelo qual se queima a argila é a sua durabilidade. As peças que atravessaram milhares de anos passaram por este processo para estabilizarem suas estruturas. Sem a queima nos fornos ela volta a ser barro novamente. O fascínio por esta arte pode vir de diversas formas. Rosana Bortolin conta que passou a se apaixonar pela química através da transformação dos materiais cerâmicos. “Fazer sinteticamente o que a natureza faz naturalmente de pegar, desmanchar e fazer derreter, me fascina”.

O professor de Artes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Carusto Camargo ressalta que também “ela é bem usada na parte terapêutica. Principalmente por causa dessa questão do tempo. É um material que obriga a pessoa a se adequar [a ele] e de certa maneira achar o seu tempo de diálogo e de comunicação com esse material”. O professor explica que é um processo que desenvolve um controle da ansiedade grande, pois é comum as peças quebrarem e desmontarem.

Jade Sapucahy, acadêmica de Artes Visuais da Udesc, foi monitora do Laboratório de Cerâmica do Centro de Artes (Ceart) da Udesc e conta que gostava de acompanhar este processo de aprendizagem com a argila. “É bem legal quando algo dá muito certo, mas também é algo muito legal quando dá muito errado. E aí você precisa analisar o material, ou analisar o forno também, para saber ‘cara, o que eu fiz aqui que o meu projeto não deu certo?’”.



Foto: Eduardo Beltrame

## E a universidade pública?

A Udesc Ceart organiza diversas atividades gratuitas ligadas à cerâmica para a comunidade. O programa de extensão Nupeart Promove, do Departamento de Artes Visuais, oferece anualmente palestras, cursos rápidos e de longa duração, como os de carimbo cerâmico, engobe, torno, modelagem e queima.

O curso “Modelagem de Massas Cerâmicas e Queimas Alternativas”, em 2019, contabilizou 544 inscritos para ocuparem 23 vagas. As atividades que começam no início do ano vão culminar no festival de queimas em dezembro. Como nos tempos antigos, os artistas se juntam para acender os fornos, queimar as peças de argila e celebrar em uma madrugada festiva.

As inscrições para os cursos de longa e rápida duração são divulgadas no site do Ceart ([udesc.br/ceart](http://udesc.br/ceart)). Aprofundando o tema, o projeto Hallceart Audiovisual disponível nas redes sociais do Centro de Artes da Udesc, desenvolveu o minidocumentário “A Arte da Cerâmica”. ■

## Saiba mais

▶ [bit.ly/hall-ceramica](https://bit.ly/hall-ceramica)  
 🌐 [bit.ly/revista-nupeart](https://bit.ly/revista-nupeart)

fb [fb.com/nupeartpromove/](https://fb.com/nupeartpromove/)  
 🌐 [udesc.br/ceart/agenda](https://udesc.br/ceart/agenda)



Registro da exposição "Livros" de Fabio Morais (inauguração da *sala de leitura* | *sala de escuta*), 2015  
Foto: Denise Helfenstein

## Sala de Leitura e Sala de Escuta

Por Raquel Stolf e Regina Melim

O projeto *sala de leitura* | *sala de escuta* foi criado em 2015, sendo coordenado pelas professoras do Departamento de Artes Visuais, profa. Regina Melim e profa. Raquel Stolf, consistindo num espaço que abriga um acervo de publicações de artista (impressas e/ou sonoras) como lugar de pesquisa, disponibilizado para leitura e escuta a todos os interessados no tema, sobretudo, os estudantes do Departamento de Artes Visuais da Udesc.

A denominação 'sala de leitura | sala de escuta' é endereçada para um contexto específico que é o da universidade, ou seja, para um lugar de pesquisa e ensino. Entre a galeria e a biblioteca, a *sala de leitura* | *sala de escuta* apresenta algumas funções desses dois espaços,

como espaço para exposição e para a leitura/escuta. Uma de suas particularidades é que o espaço pode transitar em outros contextos, desde a sala de aula (levando as publicações de seu acervo como conteúdo de aulas), assim como contextos extra acadêmicos (participar de uma exposição como um projeto, seja no espaço da sala, no espaço da publicação ou no espaço radiofônico, por exemplo).

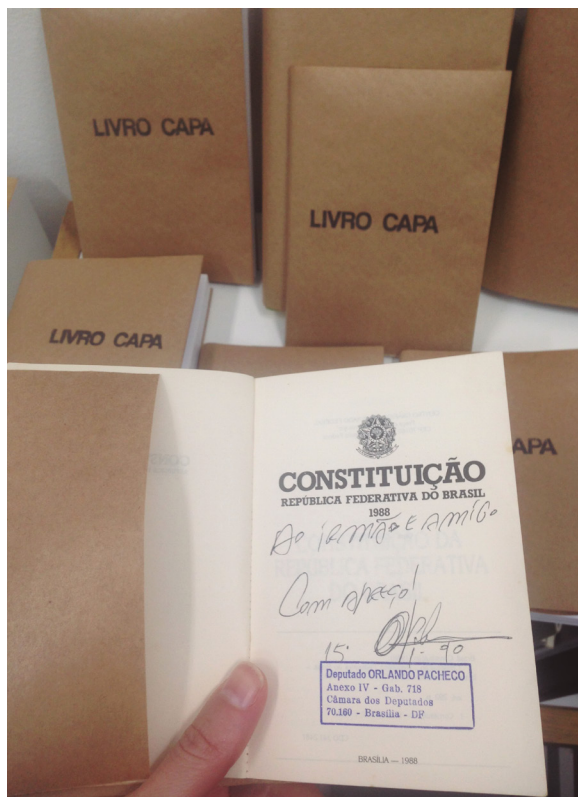
Todo o acervo de publicações impressas e sonoras, bem como a bibliografia sobre o tema é constituído por doações. Deste modo, a *sala de leitura* | *sala de escuta* inicia suas atividades com um acervo doado pelas professoras proponentes do projeto. Ressalta-se que entre essas doações integram-se uma série de trabalhos de conclusões de curso realizados nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais, do Departamento de Artes Visuais (Ceart/Udesc), dissertações e teses em Artes Visuais (PPGAV/Udesc) e de outras instituições de ensino superior.

Como expansão do acervo inaugural, algumas ações já estão previstas, sendo implementadas como atividades permanentes da *sala de leitura* | *sala de escuta*, sendo que entre elas está o envio de correspondência para artistas e editoras expondo o projeto e solicitando doações. O acervo de publicações impressas e sonoras da sala conta também com uma base de dados e sua classificação está sendo criada a partir de especificidades que são inerentes às publicações de artistas.



Registro da exposição junto à qualificação de doutorado de Pablo Paniagua (PPGAV/Udesc), 2019. Foto: Regina Melim

Como espaço de exposição, além de mostras de publicações de artistas convidados, a *sala de leitura | sala de escuta* realizou também o projeto *alguma coisa comentada*, em 2012 (coordenação de Aline Dias, Claudia Zimmer e Raquel Stolf), apresentando a cada edição um convidado para uma conversa sobre temas relacionados a publicações de artistas e seus desdobramentos, expandindo o diálogo sobre outros assuntos no campo da arte contemporânea. Algumas atividades da *sala de leitura | sala de escuta* integram também as investigações desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Proposições Artísticas Contemporâneas e seus processos experimentais (CNPq/Udesc), também coordenado pelas professoras Regina Melim e Raquel Stolf. ■



Registros da exposição-repartição "o mesmo desafia o mesmo" de Silfarlem Oliveira, junto a sua defesa de doutorado (PPGAV/ Udesc), 2019. Fotos: Silfarlem Oliveira e Raquel Stolf



Registros da exposição junto à qualificação de doutorado de Pablo Paniagua (PPGAV/Udesc), 2019. Foto: Regina Melim

**Equipe Sala de Leitura | Sala de Escuta**

Coordenação: Regina Melim e Raquel Stolf

## Equipe 2015

Ana Camorlinga, Anna Stolf, Claudia Zimmer, Denise Helfenstein, Djuly Gava, Franciele Favero, Gabriela Bresola, Jorge Bucksdricker, Juliano Ventura, Kamilla Nunes, Leto William, Luana Navarro, Mayra Flaminio, Marcos Walickosky, Mariana Berta, Pablo Paniagua, Priscila Kolling, Ruth Steyer, Silfarlem Oliveira.

## Equipe 2016-2017

Ana Camorlinga, Anna Stolf, Claudia Zimmer, Djuly Gava, Fabiola Scaranto, Franciele Favero, Gabriela Bresola, Iam Campigotto, Jorge Bucksdricker, Juliano Ventura, Kamilla Nunes, Leto William, Luana Navarro, Marcos Walickosky, Mariana Berta, Pablo Paniagua, Priscila Kolling, Silfarlem Oliveira, Telma Scherer, Tina Merz.

## Equipe 2018-2019

Anna Stolf, Carolina Moraes, Claudio Pereira, Djuly Gava, Franciele Favero, Gabriela Bresola, Julia Amaral, Kamilla Nunes, Laura Malmegrin, Juliana Crispe, Manuela Valls, Marcos Gorgatti, Marcos Walickosky, Mariana Berta, Mariana Rodrigues, Matheus Abel, Pablo Paniagua, Priscila Costa Oliveira, Rachel Lima, Silfarlem Oliveira, Sofia Brito, Tina Merz.

Regina Melim é docente no Departamento de Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Udesc. Possui doutorado e mestrado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e graduação em Educação Artísticas - Habilitação Artes Plásticas pela Udesc. Coordena na Udesc, juntamente com Raquel Stoff, o Grupo de Pesquisa "Processos artísticos contemporâneos e seus processos experimentais". Desde 2004 desenvolve projetos de pesquisa sobre o tema 'publicações de artista'. Em 2006 criou a *par(ent)esis* – uma plataforma de pesquisa, produção e edição de projetos artísticos e curatoriais no formato de publicações.

Raquel Stolf é docente no Departamento de Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Udesc. Possui doutorado e mestrado em Artes Visuais pela UFRGS e Licenciatura em Artes Plásticas pela Udesc. Investiga relações entre processos de escrita, experiências de silêncio e situações de escuta. Coordena o selo *céu da boca* e vem editando suas proposições e publicações impressas/sonoras, que envolvem desdobramentos em instalações, micro-intervenções, ações, vídeos, textos, desenhos. Vem propondo publicações experimentais coletivas e outros projetos em parceria com artistas, selos e editoras (projeto *Sofá, Disso, Membrana*, publicação-audioteca *Anecoleta* etc.).



**“Angústia”.** Obra de José Humberto Novo Mateiro em foto performance com a professora e artista Rosana Bortolin

Foto: Danísio Silva



**“Polaroid”. Obra da série Solaris, da professora e artista Jocielle Lampert**

Técnica: monotípia sobre papel japonês. Dimensão: 20x20,5cm. Ano: 2017



**"Ninho". Obra da doutoranda Janine Alessandra Perini**

Fotos expostas durante a Semana Acadêmica das Artes Visuais da Udesc Ceart em 2019. Foto: Heitor Lehmkühl



**“Uma duas”. Obra da acadêmica Bethânia Carolina Hardt**

Obra exposta durante a Semana Acadêmica das Artes Visuais da Udesc Ceart em 2019. Foto: Heitor Lehmkuhl



Empresa Júnior Inventário auxilia organizações locais no desenvolvimento de suas marcas  
Foto: Nicolas Haverroth

# Como reconhecer o design no dia a dia

Para entender melhor sobre o trabalho do designer e a influência do design em nossas vidas, conversamos com alunos, ex-alunos e professores da Udesc que trabalham na área

Por Edgar Fuck, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Todos nós temos marcas – sejam elas de produtos, serviços ou ideologias – que fazem parte da nossa vida. Não importa para onde olhamos, da hora em que acordamos até a hora de dormir, passamos por elas.

Mas o que é uma marca? É a identidade de uma empresa, negócio ou instituição. Se formos pensar em instituições como pessoas, ela seria como a personalidade de alguém. E como construir a “personalidade” de uma instituição? De quem é este trabalho? Muitos podem pensar no marketing ou na publicidade, mas a criação de uma marca é trabalho para os designers. Para entender melhor sobre o trabalho do designer e sua influência nas nossas vidas,

conversamos com alunos, ex-alunos e professores que trabalham com design na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

A profissão “designer” existe desde a Revolução Industrial, mas há registros de marcas que existiam na Antiguidade, nos comércios do Mediterrâneo. Essas marcas serviam para informar a procedência do produto que estava sendo vendido naquele local. No Brasil, o primeiro curso de Design foi criado em 1963. Na Udesc, o curso de Design surgiu em 1996, o primeiro de Santa Catarina, mais tarde dividido em duas habilitações: Design Gráfico e Design Industrial. Desde então, muito mudou na sociedade e na forma que aplicamos o design, mas sua

função permanece essencialmente a mesma: solucionar problemas de forma prática e criativa. “Eu brinco que toda vez que alguém trabalhar com um designer, vai sempre querer trabalhar com um designer, porque ele sempre está resolvendo vários problemas”, diz a professora Gabriela Mager, do curso de Design da Udesc.

O designer, em uma empresa ou instituição, é responsável pela criação da marca, reconhecida através da identidade visual, mas o relacionamento dessa instituição com o público também é grande parte da marca, como atendimento ao cliente, panfletos e embalagens. Para isso, o profissional faz uma série de extensas pesquisas – de mercado, de público, econômicas, sociológicas e psicológicas – para definir quais elementos irão compor esta marca e os valores da instituição. “Temos sempre que cuidar na hora de criar [a marca] para que seja o mais fiel possível aos valores da instituição”, avisa Gabriela, “senão seria propaganda enganosa”, complementa.

Atualmente, a profissão não é regulamentada no Brasil, portanto não é preciso fazer um curso de design para seguir carreira, porém isso não impede que muitos futuros profissionais (ou até quem já atua na área) procure o diploma: em 2019, o curso de Design Gráfico da Udesc está entre os três mais concorridos do Vestibular de Verão 2020/1. Para João Henrique Guizzo, ex-aluno do curso de Design Gráfico da Udesc que hoje trabalha com *branding* [gestão de marca], o curso pode ser uma porta de entrada para o universo do design. “A faculdade é uma oportunidade muito boa de experimentar e errar, entender como seu processo criativo funciona, como você pensa, como você cria relações conceituais, como você interpreta as coisas à tua volta”.

Aqui, os alunos têm experiências com design na prática, tanto na sala de aula quanto fora dela.

## Laboratório de Design

Um dos espaços para este aprendizado é o Laboratório de Design (LabDesign), localizado no Centro de Artes, que é composto por alunos de ambas habilitações do curso. Criado em maio de 2000, o LabDesign é responsável por atender diversas demandas da universidade: na área de design gráfico, o laboratório é responsável pela criação de marcas, identidade visual, demandas editoriais – como criação de projetos gráficos para livros e revistas –, e algumas demandas de design digital; no design industrial, trabalha com design de mobiliário para diversos setores, como biblioteca, laboratórios e grupos de pesquisa.

Segundo o professor Maurício Elias Dick, responsável pelo LabDesign atualmente, o laboratório tem foco pedagógico. “A ideia é que o laboratório seja um espaço para que os estudantes consigam colocar em prática aquilo que veem em sala de aula através de demandas que têm um impacto real na sociedade”,



LabDesign une design gráfico e design industrial para soluções de demandas da universidade  
Foto: Nicolás Haverroth

ele conta. “Todo o processo de conversa com o cliente – que podem ser professores ou servidores da universidade –, é feito pelos alunos, então além de exercitar a prática projetual, eles acabam também exercitando a gestão do projeto”.

O João Henrique passou pelo LabDesign quando fazia sua graduação, e conta que além dessa primeira experiência com clientes e projetos de maior porte, também foi importante o contato que teve com alunos de fases mais avançadas. “Eu trabalhava com meus veteranos. Eram veteranos que também gostavam de *branding*, então foi uma oportunidade de aprender com eles”.

## Empresa Júnior Inventário

Outro projeto que une prática com aprendizado é a Empresa Júnior Inventário, dos cursos de Design e Moda da Udesc. As EJ são iniciativas para aproximar os estudantes do mercado de trabalho, e com a Inventário não é diferente. Com 11 anos de atividade, a Inventário auxilia micro e pequenas empresas a criarem suas marcas e melhorarem sua relação com o público. Nas palavras da atual presidente Vitória Carmo, da 7ª fase do curso de Moda, “oferecemos soluções para pessoas que estão abrindo uma empresa, ou até quem já tem uma empresa consolidada, e querem transformá-la em uma marca de verdade, não apenas ter um logo”.

Mas a ideia do que é uma marca ainda não está muito clara para os clientes. Muitos acreditam que estão contratando o designer apenas para criar seu logo, e quando descobrem que o profissional irá mexer em toda a identidade da empresa, podem ficar um pouco



Projetos de Identidade Visual realizados pelo LabDesign para Laboratório de Pesquisa da Udesc e para a Semana de Conscientização Ambiental da Prefeitura de Florianópolis  
Arte: LabDesign/Divulgação

receosos. “Mas no decorrer do processo elas vão entendendo”, diz Vitória. “Eu acho isso bem legal. A gente tem o poder de mostrar para as pessoas que identidade visual não é apenas uma forma, mas que ela tem a intenção de captar toda a marca com apenas uma forma”.

E esse trabalho não é feito de graça. Apesar da Inventário não ter fins lucrativos, a empresa ainda recebe pelo trabalho que faz. O dinheiro arrecadado com os serviços é utilizado para o desenvolvimento profissional dos membros, como inscrições em eventos ou treinamentos na área.

### Que diferença o design faz na minha vida?

O design está tão presente em nossa sociedade de forma sutil que parece fácil esquecê-lo, mas

não se engane: design não é apenas para grandes corporações. Ele está presente no nosso cotidiano, desde as pequenas mercearias de bairro, até bandas, propagandas, ONGs e movimentos sociais.

O designer é o especialista em representar graficamente uma comunicação sobre os valores da sociedade de forma rápida, e possui um papel crucial na perpetuação e confrontação de significados.

“A cultura e o design estão altamente relacionados, porque o design contribui para a criação da cultura e a cultura é a fonte de inspiração que o design usa para criar as suas expressões”, diz Maurício. O designer precisa estar em contato com a sociedade em que ele atua a fim de representar da melhor forma possível seus valores. “É uma via de mão dupla”, explica Gabriela. “Ao mesmo tempo que a sociedade vai se modificando, as empresas e as marcas vão se modificando também, vão crescendo junto”. ■



Proposta de nova identidade visual para o Núcleo Extensionista Rondon Udesc. Arte: LabDesign/Divulgação



Oficina Papel do Mato  
Foto: Jackson Dartanhan  
Chiappa

# A tipografia para crianças: entre tipos e desenhos

Por Anelise Zimmermann, Claudia Christina Merz e Henrique Nardi

Por que trabalhar a tipografia com crianças? O que a tipografia pode acrescentar ao seu repertório? E qual é a relação entre a tipografia e o desenho?

Se pensarmos a tipografia como uma atividade que envolve a criação, reprodução e utilização de símbolos gráficos para a nossa comunicação, quando escrevemos estamos desenhando e ao mesmo tempo aplicando a tipografia. Ou seja, a tipografia faz parte de nossas vidas assim que começamos a ler e escrever. Pelo desenho aprendemos que o 'm' é um 'trem subindo a montanha', e associamos o formato da letra ao formato da montanha'. Já a letra 'a' é associada ao movimento da abelha voando pelo ar. Nossa caligrafia é uma fonte única e pessoal e antes de ser escrita, ela é desenho. Assim, pensar a tipografia como desenho ressalta a importância do desenhar na infância, não apenas como uma brincadeira, mas como um importante recurso de percepção, registro, investigação e comunicação.

Também ao longo da infância, a criança começa a diagramar o espaço da escrita na página do caderno, quando, por exemplo, aprende a usar a margem, a alinhar o texto, a grifar

o subtítulo, e com isso vai criando a ‘textura’ da página. Texto é também textura.

A tipografia também participa do dia a dia das crianças e jovens de diversas outras formas, como nos livros de escola, nas interfaces digitais, nas embalagens, nas estampas de roupas, nas placas de rua, nos cartazes de feira, ou seja, em todo o seu entorno onde há a escrita. Com base nesses aspectos, é importante considerarmos que o estudo e exercício da tipografia de maneira investigativa pode despertar para o seu uso de forma mais consciente e criativa, ampliando as possibilidades de expressão e comunicação da criança.

É por tais aspectos que as oficinas tipográficas realizadas pela Udesc no evento Ceart Aberto foram pensadas, buscando revelar à criança um conhecimento que já possui quanto à tipografia, criando oportunidades de experimentações com o uso dos carimbos em papel, aplicadas à composição de peças gráficas.

Também o designer Henrique Nardi, fundador do projeto Tipocracia, e a artista plástica Gabriela Pas desenvolveram atividades tipográficas para crianças sob o nome ‘Meu Alfabeto’, visando estimular a expressão individual por meio da criação de letras. O Meu Alfabeto teve início em 2011 na Caixa Cultural Brasília, em paralelo à primeira edição da exposição Caixa de Letras. A partir daí, novas oficinas aconteceram em São Paulo, Santos e região do ABC Paulista, em parceria com o Sesc.

Os participantes, crianças entre 7 e 12 anos, eram convidados a explorar a grafia de seus nomes de diversas maneiras. Após um breve período de observação e análise, cada participante selecionava a versão favorita do próprio nome e era orientado a expandir o conjunto de letras desenhadas para completar seu alfabeto.



Oficina “Tipografia em carimbos e a composição da página tipográfica”, no evento Ceart Aberto à Comunidade  
Fotos: Lais Moser

Em 2015, houve uma segunda edição da exposição Caixa de Letras, desta vez no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. O Meu Alfabeto fez parte da mostra com uma proposta de oficina preparatória para docentes do ensino fundamental dos Colégios Albert Sabin e Vital Brazil.

Outras atividades têm sido realizadas pela Oficina Tipográfica Papel do Mato, localizada em Rodeio/SC e uma ação conjunta com o Instituto Caracol e a Biblioteca Rural. As atividades, além de incentivar a leitura, também têm como objetivo promover o entendimento da linguagem em seus aspectos palpáveis e visíveis através da materialidade da tipografia. As ações são coordenadas por Cristiano Moreira e Jackson Dartanhan Chiappa.

Já o Instituto Acaia, em São Paulo, atende crianças e adolescentes de 6 a 18 anos, muitos deles moradores

das favelas da Linha (ou Votoran) e do Nove (ou Japiiaçu), e do conjunto habitacional Cingapura Madeirite, em cursos de tipografia em seu ateliê. Segundo o Instituto, esses cursos, assim como os demais oferecidos no local, “estimulam a produção individual e coletiva, favorecendo a construção de linguagens pessoais e a noção de grupo. A expressão artística envolvendo a exploração de linguagens, a descoberta de poéticas e os rigores técnicos, é um instrumento potente para a sensibilização, educação dos sentidos e a compreensão espacial e formal”.

Em outro contexto estão as oficinas criativas realizadas pela designer japonesa Masayo Ave no Museu do Design Reddot. Nessas oficinas, crianças de 5 a 7 anos foram convidadas a investigar possíveis formatos de caracteres em objetos do cotidiano expostos no museu. Para isso deveriam usar lupas e, com um olhar atento, percorrer os objetos, buscando encontrar



Editora Noa Noa. Foto: Letícia Schuelter de Lima

“letras” escondidas em seus formatos, texturas e composições. Em seguida, deveriam utilizar o desenho para representar as formas encontradas, gerando caracteres. Essas atividades, além de favorecer a familiarização e a investigação em tipografia, também exercitam a concentração, o foco, a percepção, a curiosidade, a ampliação do repertório sensorial, e a criatividade infantil de forma interdisciplinar, aproximando conhecimentos de áreas diversas.

## Entre Livros, Tipos e Desenhos: interlocuções da Cultura Gráfica

Um dos objetivos do Programa de Extensão Entre Livros, Tipos e Desenhos: interlocuções da Cultura Gráfica, do Centro de Artes da Udesc, é promover atividades que envolvam o estudo e os usos do livro, da tipografia e do desenho junto à comunidade, especialmente, junto ao público infantil. O Programa tem a parceria com o Acervo da Editora Noa Noa e a Biblioteca Cleber Teixeira, espaço onde se tem contato com tipos móveis, máquinas tipográficas, clichês, peças gráficas e diversos equipamentos da tipografia móvel. Durante seu funcionamento, a Editora recebia frequentemente o público infantil com a visita de escolas.

Em 2018 o Programa realizou uma exposição sobre o trabalho do tipógrafo Cleber Teixeira e a Editora Noa Noa no Museu Histórico de Santa Catarina, em Florianópolis. O evento teve grande participação do público infantil a partir das visitas de escolas ao museu e foi com base nessas experiências que o Programa elaborou as oficinas ‘Tipografia em Carimbo e Composições da Página Tipográfica’, destinadas especificamente às crianças durante as ações no Ceart Aberto. Nessas atividades, os participantes foram convidados a desenvolver livros de bolso e cartazes a partir de composições tipográficas próprias e individuais. ■

Anelise Zimmermann é docente no curso de Design Gráfico da Udesc e coordenadora do programa de extensão Entre Livros, Tipos e Desenhos: interlocuções da Cultura Gráfica. É doutora em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre em Artes Visuais pela Udesc e graduada em Programação Visual pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Claudia Christina Merz é mestre em Artes Visuais, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos da Udesc, e bacharel em Design Gráfico pela mesma instituição. É colaboradora do programa de extensão Entre Livros, Tipos e Desenhos: Interlocuções da Cultura Gráfica.

Henrique Nardi é designer e criador do Tipocracia, projeto que desde 2003 visa estimular o ensino de tipografia pelo Brasil. Atualmente leciona na Universidade de Wisconsin, além de ser um colaborador externo do Programa de Extensão.

## Saiba Mais

🌐 [papeldomato.com.br](http://papeldomato.com.br)

f [/papeldomato](https://www.facebook.com/papeldomato)

🌐 [tipocracia.com.br/pro.htm](http://tipocracia.com.br/pro.htm)

🌐 [acaia.org.br/atelie/atividades-atelie](http://acaia.org.br/atelie/atividades-atelie)

🌐 [graficafabrica.com.br/tipografia-do-atelie-acaia/](http://graficafabrica.com.br/tipografia-do-atelie-acaia/)

🌐 [masayoavecreation.org](http://masayoavecreation.org)

▶ [bit.ly/2p2ISjv](https://bit.ly/2p2ISjv) (Oficina Meu alfabeto)

🌐 Programa de Extensão ‘Entre livros, tipos e desenhos: interlocuções da cultura gráfica: [udesc.br/ceart/culturagrafica](http://udesc.br/ceart/culturagrafica)

Obs: O Programa de Extensão realiza conversas e visitas guiadas ao Acervo Editora Noa Noa através do contato:

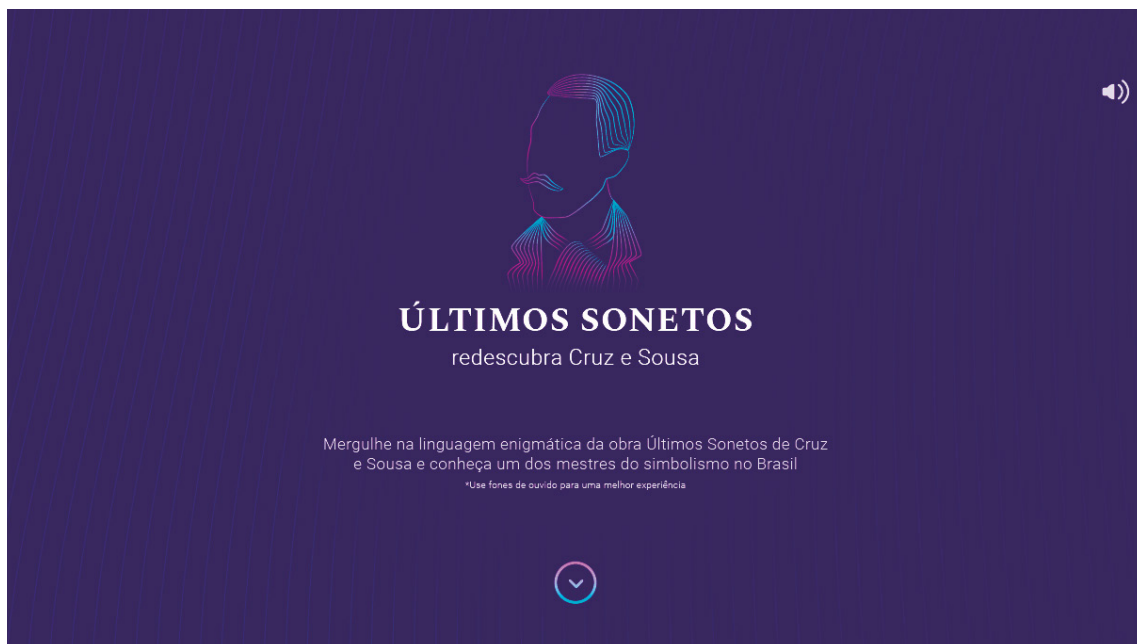
✉ [culturagrafica@gmail.com](mailto:culturagrafica@gmail.com)



**Tratado do Malte - Santa Catarina / GABRIELA GARCIA CERA / Projeto de Graduação**

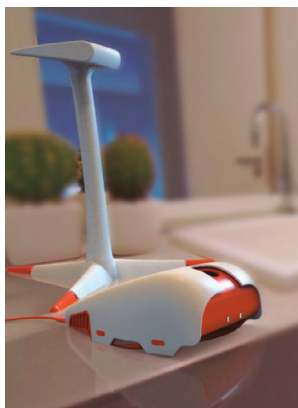
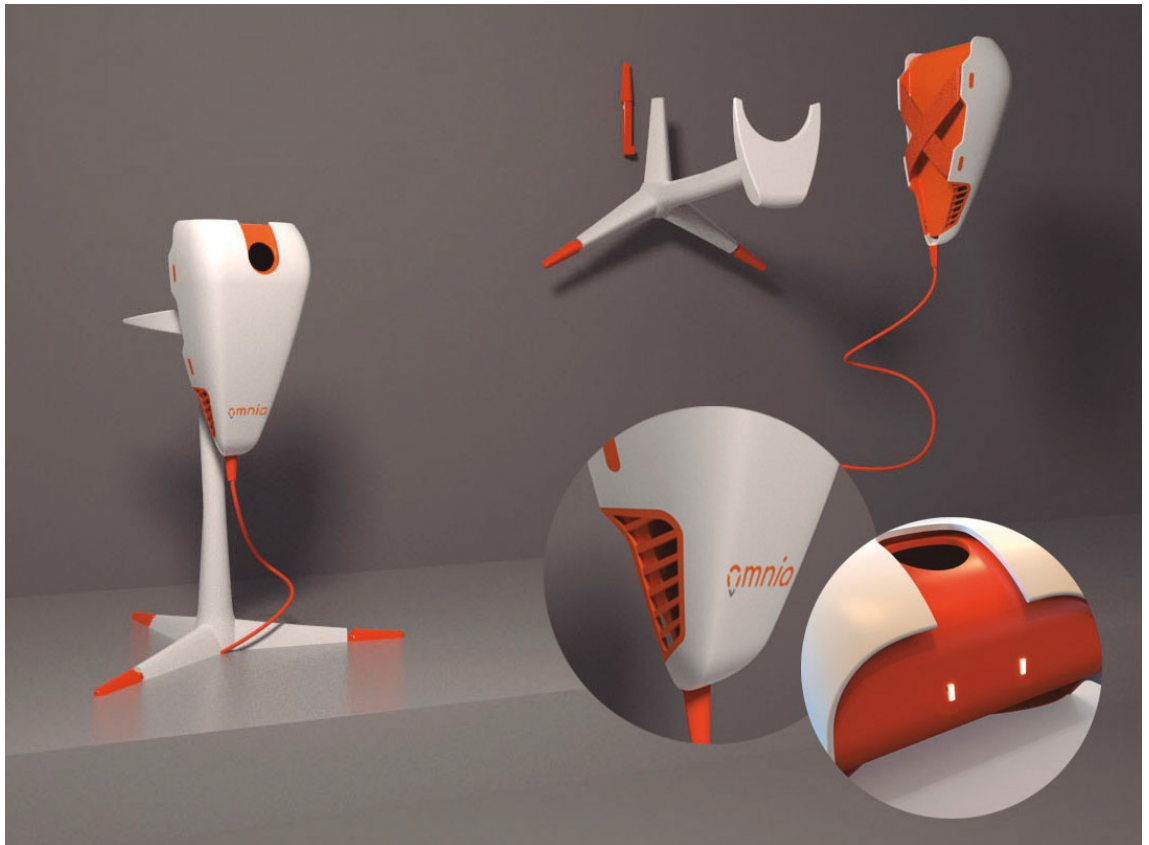
Proposta de guia físico e digital que auxilie na divulgação da rota cervejeira de Santa Catarina, atrelada ao turismo gastronômico e cultural

O projeto foi selecionado em 2019 para a 13ª Bienal Brasileira de Design Gráfico



#### Últimos Sonetos / MARIA LÚCIA EIROFF / Projeto de Graduação

Últimos Sonetos aborda a obra homônima do poeta Cruz e Sousa e, com o intuito de propor um resgate histórico e cultural, foi desenvolvida uma exposição digital do texto literário, no formato de um website



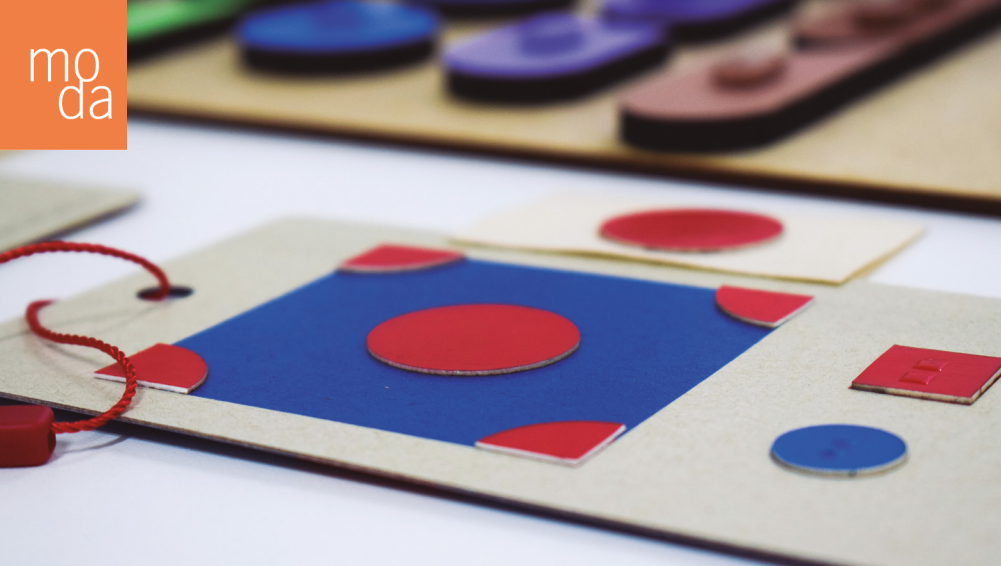
**Omnia / ANA SCHENKEL e ENRICO GIRARDI / Projeto de Graduação**

Omnia é um secador de cabelo projetado para empoderar as pessoas com motricidade reduzida das mãos. Pensado para possibilitar que todos possam secar seus cabelos de forma independente, suas formas e funções foram inspiradas nas necessidades de pessoas com artrite reumatoide



**e-PUVU / GEORGIA SCARABELOTT BERGAMIN / Projeto de Graduação**

Módulo para produção de energia solar de forma a integrar espaço urbano e natureza, criando espaços para usufruto da população local. O nome e-PUVU faz referência às palavras “elétrico” + “garapuvu” (árvore símbolo de Florianópolis)



Na tag para uma peça de roupa com estampa de poá, há a representação do desenho e das cores em relevo  
Foto: Mariana Passuello

## Para ver com as mãos

Aluna de mestrado em Moda da Udesc desenvolve etiquetas e estampas táteis para acessibilidade de deficientes visuais

Por Mariana Passuello, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Na moda, estilos, estampas e cores não faltam. Entretanto, nem todas as pessoas conseguem escolher, sozinhas, o que vestir. Pensando nas dificuldades enfrentadas por deficientes visuais em relação ao vestuário, Andressa Turcatto desenvolveu etiquetas únicas, focadas em comunicar de forma tátil o que cada peça de roupa representa.

O projeto intitulado “Estampa tátil: etiquetas com elementos do design de superfície para deficientes visuais” começou em 2017, quando Andressa ingressou no mestrado profissional de Moda da Udesc. Com a ideia para a dissertação, surgiu a oportunidade de proporcionar autossuficiência para pessoas sem ou com pouca visão, que atualmente dependem de outras e de aparelhos celulares para saber características da roupa que querem comprar ou vestir. “Minha proposta é que ele [deficiente visual] tenha autonomia, que possa ir à loja e consiga acessar as informações de cores e estamparia sozinho”, explica a estudante de 25 anos.

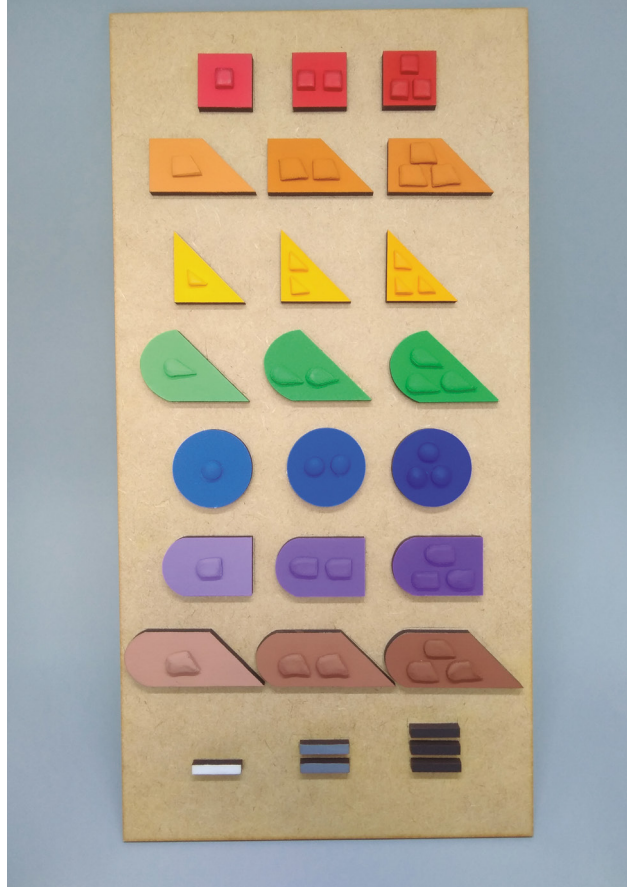
A intenção era desenvolver etiquetas inteiramente táteis para informar sobre os aspectos mais visuais do vestuário: estampas e cores. Posteriormente, essas foram as principais questões

levantadas como os maiores impedimentos para a independência ao se vestir por membros da Associação Catarinense de Integração ao Cego (ACIC) nas entrevistas de pesquisa de Andressa. Pelas pessoas com deficiência terem dificuldade em saber se algo condiz ou não com sua personalidade, ou se as roupas combinam entre si, o projeto seria muito válido para essa comunidade.

O primeiro passo foi escolher um código de representação de cores para aplicar. O utilizado por Andressa é uma adaptação do *Feelipa Color Code*, criado pela portuguesa Filipa Pires em 2009. Ele é baseado em formas geométricas, portanto, cada formato representa uma tonalidade. Assim como as cores podem ser misturadas e originar um novo tom, o mesmo acontece com as formas. O código original possui 24 cores, mas a aluna da Udesc decidiu ampliar ainda mais as alternativas de representação. “A nossa inovação, além do código existente, é colocar forma sobre forma, saturando mais a cor, deixando-a mais escura, criando um universo quase infinito de possibilidades”, descreve.

A proposta de ter a estampa em alto relevo aplicada em uma *tag* (interface que se comunica diretamente com o consumidor) foi a ideia inicial para o projeto. Andressa optou por trabalhar com estampas estilo *rapport*, recurso de repetição da mesma imagem no design de superfície, representá-lo em uma etiqueta tátil interna e em uma *tag* tátil que acompanharia a roupa. Promover esse tipo de acessibilidade para que deficientes possam reconhecer o formato que está repetido no vestuário e interpretá-lo é algo novo e que possibilita a independência desejada.

Para isso, protótipos de etiquetas e *tags* especiais foram elaborados em parceria com a empresa



Sistema tátil de representação de cores utilizado por Andressa  
Foto: Andressa Turcatto

catarinense Tecnoblu. Os materiais utilizados foram papel, PU (tecido sintético) e lona. O segundo material foi escolhido para criar os elementos geométricos tridimensionais, pois permite a formação de relevos para sinalizar as tonalidades de cores com a sobreposição das formas que saturam a cor.

As *tags*, feitas de papel, foram planejadas para serem expostas em lojas e ficarem penduradas em cabides no armário dos consumidores. Elas indicam a estampa em relevo e as cores por elementos geométricos de forma acessível. Propondo mais vantagens, quando a peça de roupa é lisa (sem desenhos), a etiqueta de



As estamparias são representadas em etiquetas reduzidas e as tags contam com texto explicativo, em português e em Braille, sobre o projeto. Foto: Andressa Turcatto

papel informa as possíveis cores para combinar o vestuário. Por serem feitas de material delicado, as tags precisam ser conservadas com cuidado, mas cumprem bem sua função informativa.

Já as etiquetas internas de cada peça podem ser lavadas e continuam em bom estado, porque a lona possui boa durabilidade. Em tamanho reduzido, apenas as estampas são representadas para que a pessoa saiba qual o desenho presente. Dessa forma, mesmo que a tag seja danificada, existe um recurso junto à peça que auxilia o usuário.

A nova perspectiva é interessante para o mercado pois, assim, marcas e empresas poderão utilizar um material que já é comum a elas, porém com uma função mais informativa e relevante para parte da população. “Estamos dando um novo fim para um produto que a empresa já tem e que pode somar um pouco mais de valor à marca”, afirma Andressa.

### Acessibilidade para quem?

“As indústrias especialistas em etiquetas não disponibilizam esse tipo porque elas consideram que não têm consumidores suficientes nessas condições, mas têm”, afirma a orientadora do projeto, professora Icléia Silveira. De acordo com o censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 6,5 milhões de brasileiros possuem algum tipo de deficiência visual. Em Santa Catarina, são 188 mil com grande dificuldade para enxergar ou sem visão. “Se alguém tem algum tipo de deficiência, ele tem que ser atendido”, completa a professora.

Afinal, deficientes visuais também são consumidores e fazem parte da população economicamente ativa.

“Eles levam uma vida normal. Consumir faz parte dessa vida normal”, assegura Maristela Sartorato, gerente técnica na ACIC há 15 anos e diagnosticada com baixa visão (5% da visão em cada globo ocular). Para ela, ter produtos voltados para a independência de deficientes influencia na autoestima e na liberdade. “As pessoas minimamente têm que ter o direito de escolher o seu vestuário”, reafirma.

Com um modelo social de inclusão ainda em processo de construção, a deficiência deve ser considerada apenas como uma característica, não algo que define ou limita qualquer pessoa. “A partir do momento que a gente torna qualquer coisa acessível, a gente diminui o grau de deficiência, de dificuldade que essa pessoa tem na sociedade. Com isso, vamos estar beneficiando a todos”, justifica Maristela.

Os trabalhos e projetos que buscam promover acessibilidade a todas as pessoas devem ser encorajados não só para respeitar a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei Nº 13.146 de 2015), mas para proporcionar uma sociedade com oportunidades igualitárias. A gerente técnica ainda reflete: “quando o espaço se torna acessível e a questão da deficiência é reconhecida por todo mundo, a gente começa a pensar em um desenho universal”.

## Origem e futuro do projeto

O processo de criar etiquetas inovadoras surgiu com Andressa se questionando “por que não abraçar outros públicos com o meu trabalho?”. Após criar a coleção para concluir a graduação do curso de Moda na Udesc em 2016, ela percebeu a chance de aliar seu foco em estamparia com seu interesse pelo mestrado. “Eu já tinha começado a pesquisar trabalhos relacionados na área e vi que não tinha nenhum que trouxesse estampas para esse público”, lembra a aluna.

Para as *tags* e etiquetas táteis serem produzidas e incorporadas ao meio da moda, é importante que o código de cores seja apresentado e reconhecido pelo público alvo. O próximo passo para aplicação do projeto será testar, com pessoas com deficiência, a eficácia desse código e sua aplicação nas interfaces de lona e papel. Isso está planejado para acontecer durante o doutorado de Andressa, buscando dar sequência ao trabalho feito até o momento.

Na perspectiva da professora Icléia, a dissertação resultou em uma boa parceria entre a universidade e outras instituições. Assim, foi possível proporcionar alternativas de acessibilidade para tornar mais lugares inclusivos. Como disse Maristela, “quanto mais pessoas pesquisarem nas áreas das deficiências, menores elas ficam em relação à sociedade. Eu estou dando possibilidades e isso é muito importante em qualquer área do conhecimento”. ■



Curso de renda de bilro  
coordenado pelo professor  
Lucas Rosa  
Foto: Nicolas Haverroth

# Economia Criativa

Experiências de extensão e pesquisa no Departamento de Moda da Udesc

Por Lucas da Rosa

A expressão Economia Criativa foi criada pelo consultor britânico John Howkins, no livro *“The creative economy: how people make money from ideas”*, publicado em 2001 e lançado no Brasil com o título “Economia criativa: como ganhar dinheiro com ideias criativas”, em 2012. No entanto, o conceito que envolve a Economia Criativa tem origem em 1994, quando o primeiro-ministro da Austrália, Paul Keating, lançou em seu país a política pública de estímulo à área cultural, *Creative Nation* - em livre tradução significa Nação Criativa (UNESCO, 2013). A partir da *Creative Nation*, deu-se ênfase e importância à política cultural, destacando o potencial das atividades culturais e das artes no contexto da política econômica nacional (NATIONAL LIBRARY, 1994).

A economia criativa é composta pelos setores que compõem a economia da cultura – setores tradicionais de patrimônio cultural e artes (artesanatos, festivais, pinturas, esculturas, museus, bibliotecas, música, teatro, dança, circo, dentre outros), acrescidos de setores mais tecnológicos e voltados à prestação de produtos e serviços mais funcionais e com apelos mercadológicos, por exemplo,

design, moda, arquitetura e urbanismo, software, videogames, publicidade, e outros. Observa-se que foram incorporadas às “indústrias culturais” outras que antes não faziam parte e em outros países foram feitas inserções, como o exemplo da gastronomia, na França. Verifica-se que a economia criativa está sendo organizada em nível mundial e, por conseguinte, o Brasil está se ajustando a essa realidade social e econômica (PLANO, 2011).

Incorporar elementos criativos em diferentes insumos possibilita mais assertividade ao inovar e diferenciar produtos e serviços e, para concretizar isso, a indústria criativa concentra o setor do mercado que trabalha com os valores consolidados pela economia criativa, agrupando as indústrias produtoras de bens intelectuais e culturais. Pois, os setores criativos - indústria criativa - possuem forte ligação com a criatividade, competência e talento individuais, e no potencial de criar riqueza e emprego por meio da propriedade intelectual. Em resumo, os setores criativos têm como principais insumos a criatividade e o conhecimento (PLANO 2011).

Enquanto a economia criativa se expande no mercado mundial, diferentes negócios do setor de moda nacional estão incorporando os seus fundamentos na geração de produtos e serviços (PLANO, 2011). Conforme Cietta (2017), nem sempre é fácil determinar precisamente em alguns produtos culturais/criativos quais possuem relação com os fundamentos da economia criativa, principalmente, pelo fato de não existir atividade que seja puramente cultural ou criativa; em todos os setores existe a relação e articulação entre atividades criativas e não-criativas.

Diante disso, Cietta (2017) destaca que o setor de moda não é de produção simples e, sim, de produção híbrida entre os produtos cultural e manufatureiro que gera o consumo efetivo de objeto físico por meio de sua posse, ou seja, os valores dos produtos e serviços são construídos na mistura entre o físico/material e o criativo/imaterial. Isso revela os efeitos das mudanças no modo de viver contemporâneo e nas escolhas dos consumidores, influenciando o modo de se produzir e competir no mercado de moda.



Fotos: Eduardo Beltrame

## Moda, Economia Criativa e a Udesc

A partir da lógica exposta anteriormente, estão sendo desenvolvidas atividades no programa de extensão “Moda e Economia Criativa” e no projeto de pesquisa “Moda, Artesanato e Economia Criativa: Renda de Bilros como Marca e Cultura na Cidade de Florianópolis (SC)”, ambos coordenados pelo professor Lucas da Rosa, do Departamento de Moda (DMO), do Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). A equipe que realiza as atividades é composta por professoras e discentes da Udesc, atuando diretamente nas ações de extensão e de pesquisa.

No âmbito da extensão está sendo ministrado curso de renda de bilro no Ceart desde o ano de 2016.

As atividades iniciaram em minicurso de 12h, quando as Rendeiras Maria da Silva Santos - mais conhecida como Maria das Rendas Floripa - e Enedina Maura Duarte ensinaram os cinco pontos básicos da renda de bilro confeccionada na cidade de Florianópolis/SC. Ao longo dos anos a carga horária e o conteúdo dos cursos foram ampliados, e em 2019 a rendeira Maria das Rendas Floripa continua a ser ministrante no curso de extensão, num total de 60 horas.

Com o programa de extensão firmou-se parceria com a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC). A superintendente Roseli Maria da Silva Pereira, em parceria com a Udesc (com a participação dos membros dos programas de extensão “Moda



Rendeira de Florianópolis durante evento realizado na Udesc. Foto: Eduardo Beltrame

e Economia Criativa” e “Ecomoda”), Cia do Fuxico e Núcleos de Rendeiras de Florianópolis, lançou no ano de 2018 o Projeto da FCFEC “Renda-se à Moda: cultura, arte e artesanato”, permitindo a divulgação e comercialização de diferentes artesanatos confeccionados na cidade, em especial, a renda de bilro e o fuxico (RENDA-SE, 2018). Com base nesse projeto da FCFEC, foi criado o Curso “Fuxico na Moda”, na Udesc, ministrado pela equipe do programa de extensão “Moda e Economia Criativa”, unindo moda e artesanato, principalmente, para os membros da Cia do Fuxico, resultando na publicação junto ao 37º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul, intitulada “é tempo de ‘fuxico na moda’: relato de experiência de prática extensionista” (ROSA et al. 2019).

No projeto de pesquisa “Moda, Artesanato e Economia Criativa: Renda de Bilros como Marca e Cultura na Cidade de Florianópolis (SC)”, iniciado em agosto de 2018, estão sendo verificadas as possibilidades de aproximar as atividades de moda e de renda de bilro. A primeira ação prática possui parceria com atividades coordenadas pela professora do DMO, Luciana Dornbusch Lopes, editando videoaulas de ensino a distância para ensino e aprendizagem de renda de bilro.

Diante do exposto, estas são ações efetivas de pesquisa e extensão feitas no Departamento de Moda, da Udesc, buscando a aproximação entre moda e artesanato na cidade de Florianópolis (SC), incluindo os estudos de economia criativa, com foco em produtos e serviços inovadores. ■

Lucas da Rosa é professor no Departamento de Moda e no Mestrado Profissional em Design de Vestuário e Moda da Udesc. É Doutor em Design pela PUC-Rio, Mestre em Educação e Cultura pela Udesc, Especialista em Moda: Criação e Produção pela Udesc e Bacharel em Ciências Econômicas pela UFSC.

## Referências

CARTILHA *me ensina a fazer renda*: princípios básicos da renda de bilros - histórico, elementos da renda, como fazer técnica básica, pontos básicos da renda. Florianópolis: HB Editora Valorizando o Tempo, 2015. Disponível em: <bit.ly/fazer-renda>. Visitado em: 07 out. 2019.

CIETTA, Enrico. *A economia da moda*: porque hoje um bom modelo de negócios vale mais do que uma boa coleção. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

NATIONAL LIBRARY (AUSTRALIA). *Creative nation*: commonwealth cultural policy. Canberra: Department of Communications and the Arts, October 1994. Disponível em: <bit.ly/creative-nation2>. Visitado em: 30 set. 2019.

PLANO da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 - 2014. Brasília, Ministério da Cultura, 2011. Disponível em: <bit.ly/plano-economiacriativa>. Acesso em: 03 out. 2019.

RENDA-SE à moda: cultura, arte e artesanato. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 26 jul. 2018. Disponível em: <bit.ly/renda-se-moda>. Visitado em: 07 out. 2019.

ROSA, Lucas da et al. *É tempo de “fuxico na moda”*: relato de experiência de prática extensionista. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <bit.ly/fuxico-na-moda2>. Acesso em: 07 out. 2019.

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. *Creative economy report*: special edition - widening local development pathways. New York: United Nations/UNDP/ UNESCO, 2013. Disponível em: <bit.ly/creative-economy-report>. Visitado em: 30 set. 2019.



**Coleção FUZUÊ / LETÍCIA CAPONERA SILVA / Observatório de Culturas e Tendências Antecipadas - OCTA Fashion 2019**

A coleção Fuzuê apresenta uma folia coletiva fruto de trocas de amor e afeto entre grupos invisibilizados, de conversas infinitas sobre não ser, da urgência de debater vivências silenciadas, não só entre nós, mas de um modo coletivo. Foto: Tainá Bernard



**Coleção CRISÁLIDA / NAOMI SUZUKI / Observatório de Culturas e Tendências Antecipadas - OCTA Fashion 2019**

Crisálida é um abrigo de ideias, de onde eclodem novas chances para o vestir. Em contramão ao consumismo do *fast fashion* e alinhada a novos padrões de consumo mais éticos e sustentáveis, Crisálida reimpulsiona a vida daquilo que iria para o lixo. Foto: Tainá Bernard



**Coleção AMÁLGAMA / ANTONELLA POSSAMAI / Observatório de Culturas e Tendências Antecipadas - OCTA Fashion 2019**  
Amálgama apresenta uma imersão aos níveis da consciência onde o caos, a distorção e a desordem prevalecem. Convida a olhar para dentro e a explorar as incertezas através de experimentações internas e externas guiadas por uma lente abstrata, psicodélica e ilusória. Foto: Tainá Bernard



**Coleção TREMONTA / ANDRESSA CASTAMAN / Observatório de Culturas e Tendências Antecipadas - OCTA Fashion 2019**

A coleção surge como uma crítica às tentativas de normalização de indivíduos. Cria-se uma coleção que exprime o conceito da expansão da consciência de forma a interpretar as diferentes visões de mundo de cada "eu" presente no mesmo. Foto: Tainá Bernard



Foto: Acervo pessoal

## Acácio Piedade: composição e antropologia

O premiado professor de Música da Udesc conversa com a Hallceart sobre sua trajetória e a composição na universidade

Por Mariana Passuello, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

O professor Acácio Piedade, docente do Departamento de Música da Udesc, recebeu um importante prêmio internacional de composição durante seu pós-doutorado na Alemanha. Sendo o único brasileiro dos 23 inscritos, Acácio venceu o primeiro lugar no concurso *Internationaler Eisenacher Kompositionspreis*, promovido e organizado pela cidade de Eisenach, com a composição “*Divertimento für Kontrasubjekte*”, “Divertimento para contrasujeitos” em tradução livre.

Entre 2018 e 2019, ele realizou um pós-doutorado na Universidade de Música Franz Liszt, na cidade de Weimar, Alemanha. Buscando unificar sua trajetória como compositor e seus trabalhos na área da antropologia, quando estudou música indígena no mestrado e doutorado, atualmente sua pesquisa possui foco em elementos culturais empregados em composição. Confira a conversa.

## 1. Hallceart: Qual o seu processo para compor música?

Acácio Piedade: Acho que meu processo pesa mais no intuitivo. Quando é uma encomenda, tem um deadline, uma formação já fixa, uma ideia já em processo, é mais mão na massa. Fora isso, eu gosto muito de improvisar no piano e extrair ideias que vão surgindo quando eu estou totalmente em um estado aberto. Vão vindo pensamentos, vou buscando sonoridades, daí quando gosto, paro e escrevo. Gosto de escrever. Às vezes, não é uma composição, é só uma ideia em potencial. Então, eu tenho uma coleção de papéis com ideias que eu capturei e ficam ali, posso pôr em ação depois. Mas também tenho inspirações literárias, poéticas, políticas, imagéticas, que me sugerem uma forma musical onde eu posso navegar. Às vezes, tenho inspirações mais matemáticas, da geometria, das proporções, simetrias, da teoria musical mesmo. A música é muito matemática, é muito bonito. Cada hora vem de um jeito, nas coisas da vida e até no sonho. Tudo que vem preciso capturar (escrever) e transformar, colocar materiais em uma linha do tempo e buscar um sentido, uma forma, e ir construindo uma obra.

## 2. Como pesquisar e estudar fora do Brasil complementa a formação dos professores universitários?

Só de estar vivendo em uma cidade com muita tradição musical, ir a concertos, ver partituras, bibliotecas, dialogar com colegas, fazer cursos e dar aulas, isso tudo já é muito rico. Se comunicar em outras línguas, coisa fundamental. Há muitas publicações que ficam lá [fora do Brasil], nem estão disponíveis na internet. Algumas bibliografias você só tem contato estando lá, algumas muito específicas. A Alemanha é um país muito forte na área da composição, uma longa tradição, um



Acácio Piedade recebendo o prêmio *Internationaler Eisenacher Kompositionspreis* junto a autoridades alemãs. Foto: Divulgação

número impressionante de artistas e grupos musicais de excelente qualidade, com muita abertura para o novo. E eu queria fazer uma coisa nova na minha vida, conectar minha formação como antropólogo na minha formação maior como compositor, caminhos que acabaram divergindo. Encontrei essa possibilidade em Weimar, um lugar tranquilo, com uma incrível universidade de música, um cenário musical excelente, para realizar pesquisa nos departamentos de composição e de estudos transculturais. Uma sorte ter achado algo assim em uma universidade que tem um convênio com a Udesc.

## 3. Por que é importante ter produção de cultura e de conhecimento artístico nas universidades?

Aqui na universidade a produção está mais livre das amarras do gosto e da indústria cultural. Você pode compor música pensando em mexer com as pessoas, provocar emoções e mudanças de olhar em relação à sociedade e à própria cultura. É um poder transformador, às vezes maior do que da música de massa que está aí para servir de entretenimento. Acho um papel super importante da universidade, ser esse berço para acolher a arte mais livre e que pode, por causa dessa liberdade de linguagem, produzir uma arte que saia do comum,



Acácio Piedade no Concerto Mosaico Musical do Ceart 30 anos  
Foto: Vanessa Soares

que possa impactar, tocar e acordar as pessoas. Quem está no mercado não tem muito dessa chance, tem que seguir as regras do gosto estabelecido.

Todo o sistema de avaliação da universidade foi montado em volta das ciências “duras”. As artes entraram depois e houve uma longa luta para valorizar o conhecimento e a produção artística frente à produção científica no Brasil. Conseguimos muitos avanços. Quando alguém estreia uma composição, uma peça de teatro ou realiza uma exposição, isto hoje tem muito valor no currículo.

Nessa época mais recente de lamentável desvalorização das artes e das ciências humanas, eu acho que a gente corre risco de um retrocesso grande. Talvez esse retrocesso tenha impacto na liberdade de criação e efeitos terríveis na área da cultura e, então, vai causar uma decadência geral. Isto parece estar começando, mas existe a resistência, que é o poder de responder a essas pressões. E a arte sempre foi uma incrível ferramenta para isso! Dá para lutar contra essa corrente retrógrada e reafirmar a liberdade da arte, não podemos abrir mão disso. A universidade tem um papel muito importante aqui.

#### **4. A diversidade dentro dos cursos de artes na universidade pública tem algum impacto nos estudantes?**

Todas as diversidades são valorosas para a universidade: cultural, étnica, social, musical, etc. A minha visão é de que a universidade pública deveria instigar o estudante a ser crítico, abrir-se e transformar-se, não a atender uma demanda imediata que muitas vezes vem da formação do gosto imposto pelas normas sociais. Por exemplo, o cara gosta de choro, quer estudar mais choro, mas aqui não é uma escola de choro, tem o lugar do choro também, mas ele vai ter que olhar criticamente e se abrir para outras coisas, vai ter que aceitar uma transformação e gostar dela. A universidade pública é o lugar onde isso pode ocorrer. A gente tem que formar pessoas transformadas e transformadoras, mais críticas e livres.

#### **5. Como é o processo para ensinar composição?**

O ensino propriamente dito é algo bem técnico, com exercícios, começando a escrever pequenas composições

para um ou dois instrumentos, em estilos específicos. O professor acompanha, toca, escuta, discute, mas não deve haver “patrulhamento” estético. O cara pode fazer a música que ele acredita, que ele está buscando. A gente não pede que seja erudito, mas exige que seja competente dentro da escrita que ele está fazendo.

Ensinar composição na atualidade, na verdade, é uma coisa muito complicada. Eu enfatizo a escrita musical, a partitura, eu acho uma coisa bem democrática: é como uma improvisação, uma criação muito íntima que está integralmente disponibilizada, qualquer um que leia partitura pode tocar, não precisa só ouvir. Há escolas de composição onde a partitura não é tão importante, como na música eletro-acústica, que é algo incrível também. Eu trabalho com isso, acho maravilhoso. Mas o estudante que entra, em geral, quer muito uma coisa, mas os estudos não vão diretamente prover isso. O estudante é guiado por outros caminhos, mas sem perder o foco.

Em geral, eu puxo mais para a música contemporânea escrita para instrumentos, mas nem sempre. O importante no estudo da composição é incitar a persistência, a disciplina, que o estudante goste de escrever muito, ouvir e analisar muita música, que ele busque uma transformação da sua própria linguagem. Mas não quer dizer que vai ter que compor o que o professor acha bacana. O importante é o seu processo. Aliás, eu acho muito importante que esse ensino tenha ampla diversidade, aceitação e transformação de diversas linguagens e estilos musicais.

## 6. Onde a composição se encaixa no currículo dos cursos de Música da Udesc?

Na graduação, composição é uma disciplina eletiva. Temos o curso de licenciatura, voltado para formar

professores, e os bacharelados de instrumentos.

Não temos bacharelado em composição, mas sempre tem bastante gente interessada na disciplina. Parece que há uma reforma chegando, a criação musical vai se tornar um dos caminhos do bacharelado.

Nos programas de pós-graduação, já temos mestrado e doutorado em composição, que se dá na linha de pesquisa processos criativos.

## 7. Qual o diferencial de estudar composição e o que isso proporciona?

Creio que há muito ganho de conhecimento na escritura musical, nas partes técnicas de harmonia, contraponto, arranjo, orquestração, e no repertório moderno e contemporâneo, que me parece o foco daqui da Udesc. No final, quando se segue o caminho e se conclui uma composição, o ganho é muito espiritual. Achar um caminho dentro de você, achar o lugar daquela música e o poder de sua liberdade é muito rico. Um artista, quando vasculha seu mundo interior, aprende a construir obras a partir das suas inquietações. Concluir uma composição, vê-la nascer, ser tocada e ouvida por outros, eu acho meio milagroso! Só essa transmissão de um mundo interior para o outro eu já acho uma coisa incrível! Mas não é fácil: é árduo, requer paciência, estudo, aprender a lidar com o tempo. Compor 1 minuto leva muito mais do que 1 minuto, pode levar dias. Acho que a universidade propicia esse tempo e espaço, essa liberdade para professores e estudantes. ■

Saiba mais

 [bit.ly/acacio-piedade](http://bit.ly/acacio-piedade)

# A história da música em Desterro

Por Marcos Holler

Por um longo tempo o estado de Santa Catarina ficou à margem dos estudos sobre história da música no Brasil, e a necessidade da inclusão de estados até então periféricos nessa área de pesquisa havia sido apontada já no final do séc. 20 por vários autores. Com a criação do mestrado em música da Udesc, em 2007, foi criada uma linha de pesquisa voltada para o levantamento e o estudo de fontes sobre a história da música em Santa Catarina, e desde então vários trabalhos foram concluídos sobre diversos períodos da história, não somente de Florianópolis ou Desterro, mas também outras cidades do estado como Lages, Blumenau, Joinville, Joaçaba, Araranguá e Itajaí. Apresento aqui um breve resumo de alguns dos textos que produzi ou que orientei envolvendo essa temática, e que lançam luz sobre aspectos interessantes sobre a prática e o ensino da música em Florianópolis. Destaca-se que o nome “Florianópolis” foi adotado somente em 1894 como uma homenagem ao presidente Floriano Peixoto, e até então o principal núcleo urbano da Ilha era chamado de Vila de Nsa. Sra. do Desterro, ou simplesmente Desterro.

Uma das fontes mais antigas sobre a Ilha de Santa Catarina são os relatos dos viajantes. Nos séculos que se seguiram aos descobrimentos era comum que viajantes passassem por terras fora da Europa por motivos bastante diversos, como militares, científicos ou de comércio, e que de volta à Europa publicassem esses relatos. A partir do séc. 18, como consequência dos ideais iluministas, a literatura de viagem ganhou em importância e transformou-se em um gênero próprio, tendo inclusive surgido subgêneros para públicos específicos, e é grande a quantidade de obras e da tiragem de cada uma delas.

Vários desses relatos incluem passagens pela Ilha de Santa Catarina, sendo que o mais antigo deles é o de Amédée François Frézier, de 1712; a partir deles seguiram-se vários outros, que também descreviam alguns detalhes da música feita na Ilha. De passagem pela Ilha de Santa Catarina em 1804, o historiador naturalista Georg Heinrich von Langsdorff descreveu os costumes dos portugueses, mencionando como instrumentos comuns a flauta, a viola e o saltério. Dentre esses instrumentos chama a atenção o saltério, que consiste de uma caixa de ressonância de madeira, com formato de trapézio, e com cordas percutidas por pequenos martelos. Atualmente é um instrumento pouco conhecido, mas era usual em Portugal e no Brasil no séc.18, como mostra o painel de azulejos no Palácio Galvão Mexia, em Lisboa (fig. 1) e os exemplares do acervo do Museu Imperial de Petrópolis, construídos no Rio de Janeiro no séc. 18 (fig. 2).



Fig. 1 - Painel de azulejos de 1707, proveniente do Palácio Galvão Mexia, Lisboa

Langsdorff relata também o costume comum entre os portugueses de cantar canções que falavam de “nostalgia e do amor e sofrimentos do coração”, o que é a descrição de uma modinha, um gênero de canção que do final séc. 18 até início do séc. 20 foi bastante comum no Brasil, chegando a ser considerado um gênero tipicamente brasileiro. Um detalhe curioso do relato de Langsdorff é a sua descrição da visita a uma fazenda do continente, onde ele foi recebido com “canções agradáveis e expressivas”; para que o leitor tivesse ideia do que era uma modinha ele chegou a transcrever uma em seu livro, o que até agora é o registro musical mais antigo conhecido de uma modinha (chamada no texto também de “ária brasileira”) cantada no Brasil.

A partir de meados do séc.19 uma relevante fonte de pesquisa sobre a música em Desterro são os jornais, que hoje podem ser consultados na hemeroteca da Biblioteca Nacional ou no setor de Obras Raras



Fig. 2 - Saltério de Antonio Martins Santiago, construído no Rio de Janeiro, em 1762. Acervo do Museu Museu Martins Sarmento, em Guimarães

Fonte das duas imagens: Obra “Cifras de música para Saltério – Antônio Vieira dos Santos – Música de salão em Paranaguá e Morretes no início do século XIX”, de Rogério Budasz (2002)

da Biblioteca Pública de Santa Catarina. Por meio dos jornais pode-se acompanhar, por exemplo, a programação do Teatro Santa Isabel, atual Teatro Álvaro de Carvalho (TAC), que por sua qualidade de teatro local mais importante no final do Império nos permite investigar o gosto musical vigente em Desterro na época. Os projetos para a construção do teatro se iniciaram em 1854, mas só seria concluído em 1875; no dia 2 de julho de 1894 (o mesmo ano que Desterro passou a ser chamada de Florianópolis) teve seu nome mudado para Teatro Álvaro de Carvalho. Este nome, além do rompimento com a monarquia extinta, representou uma homenagem ao primeiro dramaturgo catarinense, morto na Guerra do Paraguai.

Por meio do levantamento de programas de concerto publicados nos jornais, trabalho realizado em coautoria com Gustavo Freccia, pôde-se perceber como o gosto musical em Desterro era subordinado às influências advindas do Rio de Janeiro, capital do país na época. Na segunda metade do séc. 19 era comum que artistas que viessem de lá ou que para lá fossem excursionassem também pelo sul do Brasil. O primeiro concerto no Teatro Santa Isabel foi realizado no dia 26 de setembro de 1875 pelas irmãs Maria e Carlota Hassini, artistas que haviam participado também da inauguração do teatro, semanas antes. O jornal *O Conservador* de 22 de setembro 1875 divulgou o programa deste concerto, com o qual as artistas se despediam de Desterro. Dentre as peças apresentadas constaram uma *grand ouverture*, a valsa *Il Bacio de Ardit*, o romance *Non Torno de Mattei*, o duo *Le Roi Carotte* de Offenbach, uma cena e ária da ópera *Freischütz* de Weber, a ária do terceiro ato de

*La Favorita de Donizetti*, entre outras peças. Por meio da presença massiva do repertório de ópera no programa percebe-se como o gosto musical em Desterro seguia o gosto nacional correspondente às influências portuguesas e que era representado e difundido pelo Rio de Janeiro, a capital do Brasil no Império e também o grande centro operístico e musical do país no séc. 19.

A busca de informações sobre a música em outras épocas não se restringe somente a partituras, porém esse tipo de documentação é bastante relevante para a pesquisa histórico-musicológica. Entre o escasso repertório musical sacro encontrado até o momento em Desterro do séc. 19 destaca-se um curioso manuscrito: um *Te Deum* do compositor desterrense João Francisco de Souza Coutinho (1804-1869), encontrado por Simone Gutjahr no Acervo Curt Lange, de Minas Gerais, durante o desenvolvimento de sua dissertação de mestrado, que em 2018 gerou a publicação *A Música em Desterro (Florianópolis) nos períodos colonial e imperial*.

A partitura mostra em sua primeira página que o *Te Deum* teria sido “reformado pelo autor em 19 de junho de 1861, na cidade de Desterro” e copiado no Rio de Janeiro em 1891 por Francisco Flores. Uma hipótese é que essa obra teria sido composta para a visita de D. Pedro II a Desterro em 1845. Notícias publicadas no jornal *O Relator Catharinense* - criado exclusivamente para dar cobertura à vinda de D. Pedro II à Ilha de Santa Catarina - mencionam que um “solene Te Deum” de autoria do compositor desterrense João Francisco de Souza Coutinho foi “dignamente executado pelo Coro de distintos empregados públicos, e oficiais da Guarda Nacional” na chegada do Imperador à Matriz

de Desterro, no dia 12 de outubro. Conforme o mesmo jornal, em visita do Imperador à Igreja da Lagoa da Conceição, um *Te Deum* foi cantado pelo “coro dos empregados públicos e oficiais da Guarda Nacional” no dia 16 de outubro. Pela formação vocal e instrumentação utilizada descrita adiante, esta não é uma peça cotidiana, o que reforça a hipótese de que se trata da mesma obra.

A composição apresenta a combinação de instrumentos de cordas de uma orquestra (violinos, viola, violoncelo e contrabaixo) e instrumentos característicos das bandas do séc.19, tanto de sopro (flauta, clarinete, cornetim, trombone, oficleide) quanto de percussão (bombo). As partes vocais são escritas para coro a três vozes (soprano, tenor e baixo), e cada uma das seções é iniciada por um trecho em canto gregoriano. A linguagem harmônica e as melodias são muito semelhantes às encontradas em óperas italianas do séc.19, o que como já foi mencionado era comum no Brasil na época.

Um detalhe que chama a atenção no *Te Deum* de Francisco Coutinho é o uso do oficleide, que não é utilizado por outros compositores do mesmo período em peças como essa. Conforme definição de Mário de Andrade no *Dicionário Musical Brasileiro*, o oficleide é um instrumento de sopro, com um tubo cônico dobrado em si mesmo, em uso durante o séc.19, que posteriormente foi substituído, na orquestra e nas bandas, pela tuba. É pertinente considerar que Coutinho tenha escrito para essa formação instrumental porque eram os instrumentos que tinha à disposição na Desterro da época. Provavelmente este *Te Deum* foi escrito para banda militar, visto que a presença deste tipo de formação em meados do séc.19 era mais notória do que a das bandas civis, também comuns na cidade.

Esses são alguns exemplos de informações obtidas a partir de fontes de época e que, embora não respondam a todas as questões levantadas, nos permitem lançar alguma luz sobre a prática musical na Ilha de Santa Catarina e no estado. Esse porém ainda é um processo em andamento, e novas pesquisas poderão levar a outras conclusões. ■

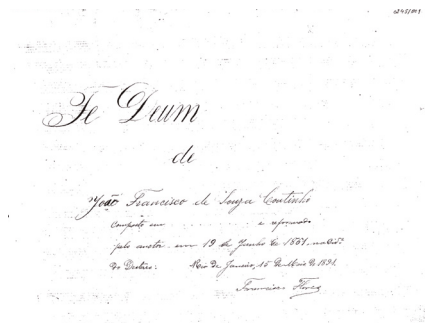


Fig. 3 – Frontispício do *Te Deum* de João Francisco de Souza Coutinho



Fig. 4 – Primeira página do *Te Deum* de João Francisco de Souza Coutinho

Fonte das imagens: cópia digitalizada do documento fornecida pelo acervo Curt Lange, da Universidade Federal de Minas Gerais

Marcos Holler é docente nos cursos de graduação e pós-graduação em Música da Udesc. É doutor em Música, mestre em Artes e bacharel em Música – Cravo pela Unicamp.



**Felipe Paupitz Schlichting, mestre em Música pela Udesc**

Apresentação no recital Piano Autoral, durante o evento "Ceart Aberto à Comunidade". Foto: Lais Moser. Edição: Heitor Lehmkuhl



**Camila Durães Zerbinatti, mestre em Música pela Udesc**

Performance "Medusa enredada: como lembrar?... mas... como esquecer?", apresentada no "Ceart Aberto à Comunidade". Foto: Laís Moser



**Iva Giracca, acadêmica do Bacharelado em Música - Viola**

Apresentação realizada na 5ª Semana Integrada do Centro de Artes da Udesc. Foto: Rafael Prudencio Moreira



**Rafael Melo, acadêmico do curso de Bacharelado em Música - Violoncelo da Udesc**

Foto: Pedro Oliveira



Homenagem realizada pela comunidade acadêmica da Udesc à professora Marcia Pompeo  
Foto: Heitor Lehmkuhl

## Teatro nas comunidades

Professora Marcia Pompeo, referência desta área no Brasil, deixa legado internacional

Por Edgar Fuck, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

O Teatro em Comunidades, ou Teatro Comunitário, é uma das modalidades teatrais mais praticadas no Brasil e refere-se à performance teatral relacionada a uma comunidade em particular – seja ela uma comunidade local ou de interesses. É uma forma de fazer teatro construída pela comunidade para a comunidade, onde as peças podem ser desenvolvidas a partir de histórias pessoais ou da dramatização de questões locais.

Essa modalidade teatral foi o principal objeto de estudo da professora Marcia Pompeo Nogueira, professora do Departamento de Artes Cênicas da Udesc falecida em agosto de 2019, responsável por consolidar esta área no Brasil.

Durante sua vida acadêmica, Marcia trabalhou para a visibilização dessa modalidade dentro da academia, tendo criado o seminário *Teatro na Comunidade*, que contou com duas edições em 2008 e 2013. Os eventos renderam contribuições importantes tanto na cena nacional quanto internacional, trazendo palestrantes não apenas do Brasil, mas também da Argentina, Colômbia e Quênia.

Marcia começou seus estudos sobre teatro em comunidades após seu mestrado em teatro com meninos de rua, em 1993, na Universidade de São Paulo. A partir desse trabalho, ela fundou o grupo de teatro comunitário *Sonho de criança*, em Ratonés, que esteve ativo por cerca de 10 anos e fazia parte do projeto de extensão *Teatro com Crianças e Adolescentes*, do Centro de Artes da Udesc, criado e coordenado pela professora. Além de Ratonés, a docente também trabalhou em projetos de teatro comunitário na Tapera, Barra e Canto da Lagoa.

O Teatro Comunitário do Canto, no Canto da Lagoa, é um dos projetos que continua ativo. Coordenado por Juliano Borba, ex-aluno do curso de Teatro da Udesc, o Teatro do Canto foi criado em 1994 a partir de um projeto pedagógico da escola pública local. Baseado na história dos moradores da comunidade, a Escola Desdobrada João Francisco Garcez desenvolveu a peça *Uma história da ilha*. “Depois dessa peça veio a segunda, e aí o grupo se formou”, conta o professor. Atualmente o grupo está trabalhando no musical *E Se Eu Fosse Um Camarão...*, que aborda temas a respeito da expansão urbana, como a falta de espaço público, o crescimento desordenado, a especulação imobiliária e a degradação ambiental.

Juliano conheceu o teatro comunitário através da professora Marcia, que foi sua professora na graduação e colega de pós-graduação na Universidade de Exeter,

na Inglaterra, além de trabalharem juntos em diversos outros projetos, incluindo o grupo teatral de Ratonés. Também foram colegas na Udesc durante os 12 anos em que Juliano foi professor substituto no Departamento de Artes Cênicas, nas disciplinas de improvisação teatral e teatro na comunidade.

Ele compara sua experiência dando aulas na Udesc com o período em que pesquisou teatro comunitário na Argentina. “Lá, o teatro comunitário está distante da academia. As pessoas que são formadas em teatro em alguma instituição têm que realizar uma outra formação relacionada à comunidade para entender esse contexto que é crítico ao *status quo*”, ele conta. “A formação do teatro comunitário lá se dá a partir do próprio processo produtivo”.



Professora Marcia Pompeo foi professora da Udesc por 29 anos  
Foto: Divulgação



Espectáculo *E se eu fosse um camarão...* do grupo Teatro Comunitário do Canto, de Florianópolis. Fotos: James Mota

Já no Brasil, esse olhar crítico é trazido para dentro das universidades e escolas de teatro, pois, segundo o professor, “é o contexto de formação artística melhor estabelecido”. Este tipo de teatro tem inspirações nacionais, como Paulo Freire e Augusto Boal, mas também de exemplos de outros países, como o grupo *Catalinas Sur*, da Argentina, a Associação Educacional de Teatro das Filipinas e a peça *El Bolívar descalzo* (O Bolívar descalço, em português), de Rafael Murillo Selva, que foi montada a partir de relatos de descendentes de camponeses que lutaram pela independência colombiana ao lado de Simón Bolívar.

Naguissa Takemoto Viegas é formada em Teatro pela Udesc e também teve contato com teatro em comunidades através da professora Marcia. Na terceira fase do curso, Naguissa fez parte da disciplina “Metodologia do Ensino de Teatro na Comunidade”, lecionada na época pela professora, e no mesmo ano tornou-se sua bolsista, tendo ajudado a organizar a Oficina Intensiva de Teatro na Comunidade de 2016.

A Oficina Intensiva acontecia anualmente na Udesc desde 2004, e era parte do programa de extensão Teatro e Comunidade, reunindo grupos teatrais de diversas comunidades da cidade, como o Teatro do Canto, Arreda Boi (Barra da Lagoa), Grupo de Teatro Comunitário do Abraão e a turma de Iniciação Teatral do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). As edições eram organizadas pelo Núcleo de Formação de Facilitadores (Fofa), sob coordenação da professora. Os eventos duravam dois dias, e contavam com diversas oficinas ministradas por professores da Udesc e convidados.

Após essa primeira experiência, Naguissa também deu aulas de iniciação teatral no IFSC como estágio obrigatório e hoje faz parte do projeto de extensão do professor Vicente Concílio que leva teatro para o Presídio Feminino de Florianópolis. “Eu acho que ela [Marcia] fez muito por muitas pessoas”, ela conta. “Tudo que eu aprendi com ela, eu uso no teatro dentro das prisões”.



Foto: James Mota

## O legado deixado

A professora da Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Marina Coutinho, também foi uma das pessoas influenciadas pelo trabalho de Marcia Pompeo. Elas se conheceram durante o mestrado da professora carioca, que já estudava teatro em comunidades, mas não conhecia uma bibliografia muito extensa sobre o assunto. Ela reconhece Marcia como pioneira, pois foi ela quem trouxe a questão do teatro em comunidades para ser debatido dentro do meio acadêmico brasileiro.

Hoje, Marina coordena o projeto de pesquisa *Teatro aplicado (applied theatre): investigações sobre um universo em expansão*; e o programa de extensão *Teatro em Comunidades*, além de lecionar a disciplina de Teatro em Comunidades na graduação, criada por ela a partir de suas pesquisas de mestrado e doutorado. “Todo esse meu trabalho tem uma influência muito grande da professora Marcia”, ela conta. “Meu programa de extensão é bastante semelhante ao que ela fazia aí na Udesc, com as comunidades de Ratoles e na Tapera... É uma influência forte na minha formação como pesquisadora, como acadêmica e extensionista, no sentido de perceber a importância de um diálogo entre a universidade e a sociedade”.

Aqui em Florianópolis, o grupo Teatro Comunitário do Canto, onde Marcia trabalhou por muitos anos, continua ativo, assim como as aulas de Iniciação Teatral no IFSC, e diversos grupos que, de forma direta ou indireta, tiveram influência da professora. Para a professora Marina, ela ainda está presente na formação e na prática de diversas pessoas em diversos lugares do Brasil e do mundo. “Eu acho que a Marcia tem uma projeção internacional”, ela conta. “Quando ela faleceu, eu comecei a receber emails de vários colegas pesquisadores de vários lugares do mundo”. O falecimento da docente foi uma grande perda para o ensino, pesquisa e extensão de teatro comunitário, mas seu pioneirismo abriu as portas para o estudo de um teatro horizontal e democrático. ■

# Reflexões sobre a pesquisa do carnaval no Ceart

Por Fátima Costa de Lima



Desfile da Estação Primeira de Mangueira no carnaval de 2019. Foto: Léo Queiroz

O artigo colhe uma amostra parcial de pesquisas desenvolvidas no Ceart/Udesc sobre o carnaval. Antes, esboça um breve histórico que recupera suas raízes europeias e africanas a fim de contextualizar as investigações acadêmicas do Ceart sobre a grande festa popular brasileira.

Na história, o carnaval remonta a mais de dois milênios: a Europa reconhece seus primórdios na Grécia Antiga, de onde avança até a atualidade. A etimologia da palavra “carnaval” encontra uma de suas origens no carro alegórico que transportava o deus Dioniso para ocupar o lugar de honra nas comemorações anuais a ele dedicadas nas Dionisiacas.

A expressão *carne vale* (Rector, 1989) é entendida também como originária do termo “carnaval”. O “adeus à carne” refere-se às celebrações populares que, com ritual festivo, antecediam – como ainda hoje acontece no Brasil – o período da Quaresma, período no qual a Igreja proibia o consumo de carne. Sobre essas festas medievais, o linguista Mikhail Bakhtin propõe que o riso carnavalesco penetrava em toda a sociedade europeia; mas, com o advento da Renascença, “O domínio do riso restringe-se [...] O universalismo cômico de tipo carnavalesco torna-se incompreensível” (Bakhtin, 2002, p. 98). É este o momento histórico em que se iniciou um processo de grandes transformações nas relações sociais: nasce o “espírito capitalista” (Hauser, 1982, p. 383). Na reorganização



Desfile da Beija-Flor de Nilópolis no carnaval de 2018. Foto: Eduardo Hollanda

capitalista da sociedade, parece restar pouco espaço para a cultura carnavalesca europeia.

Contudo, é também no século 18 que o carnaval conquista uma inédita vitalidade em outro continente: a América. No Brasil Colonial, um dos primeiros registros da cultura festiva aparece um carro alegórico ainda não carnavalesco: o Carro das Cavalhadas que, ao desfilar em 1786, traduzia “a imagem da sociedade brasileira como construção social barroca resultante do projeto arcaico da política portuguesa, um projeto jamais abandonado em que o rei ocupa o centro das relações sociais.” (Lima, 2011, p. 184).

Desde a tal “descoberta” do Brasil, a escravização de uma imensa massa de trabalhadores alimentava a necessidade mercadológica da Metrópole europeia, no processo histórico conhecido como Colonização. Neste lado cruel da história, essa massa populacional indígena e negra sustentou o progresso português com seus corpos, que sentiram na pele a violência colonizadora. Mas, a história é dialética - pelo menos a história do carnaval: quando a cultura popular e cômica declinava no continente colonizador, alegorias

portuguesas contribuíram para vê-la renascer no território colonizado. Neste, a cultura negra de origem africana se apropriava da cultura europeia e com ela construía uma práxis cultural de sucesso naquele que um dia seria mundialmente conhecido como o País do Carnaval.

Foi no século 19 que o carnaval se firmou como evento urbano, festivo e de rua, tal como o conhecemos hoje neste país. Na segunda metade do século, quando a população negra africana superava na proporção de quatro para um a população branca, o carnaval brasileiro começou a moldar suas formas atuais. Se no Nordeste ele aparece no frevo e no axé, dentre outras modalidades festivas, no Rio de Janeiro grupos formados por políticos e intelectuais da parca elite brasileira que encenava, naquele momento histórico, as disputas abolicionistas e republicanas, colocavam nas ruas seus Carros de Ideia e de Crítica. Essas alegorias desfilavam nas regiões centrais cariocas propagandeando esses debates e disputavam a cidade com outro carnaval, negro e popular, que acontecia nos bairros e nas periferias. Aos poucos, um movimento histórico e dialético fez com que os corpos brasileiros se mesclassem na práxis artística



Mangueira trouxe em 2019 o samba-enredo *História para ninar gente grande*. Foto: Léo Queiroz

que passou a ocupar as ruas em forma de celebração e de brincadeira, de jogo e de espetáculo. Hoje, deste movimento testemunhamos a permanência dos blocos e o surgimento das escolas de samba.

Em suma, herdeiro tanto da cultura europeia quanto da cultura africana, depois de um verdadeiro *apartheid* histórico entre as festas negras nas senzalas e as festividades brancas na casa grande<sup>1</sup>, a cultura carnavalesca cresceu e hoje encontra-se fortalecida e viva em muitas cidades. Das múltiplas formas de celebrar o carnaval, uma modalidade particular encanta o mundo: o carnaval das escolas de samba.

### O carnaval em pesquisas realizadas no Ceart

Minha própria pesquisa carnavalesca começou em 1993, ano em que me tornei professora do Ceart. Durante a década de 90, acompanhei as produções, montagens e desfiles do Bloco Afro Rastafari e da escola de samba Embaixada Copa Lord, além dos desfiles das escolas de samba de Florianópolis na Passarela do Samba Nêgo Quirido. O resultado disto é minha dissertação de mestrado, intitulada *Espaços de Encontro no Teatro e no Carnaval* (Lima, 2003). Já na tese de doutorado, transporte-me do sambódromo catarinense à Passarela do Samba Professor Darcy Ribeiro.

A pista do sambódromo carioca é onde desfilaram as alegorias proibidas no sambódromo carioca que estudo em minha tese. Delas, a central é o Cristo Mendigo – alegoria que abria o desfile do enredo intitulado *Ratos e urubus, salvem a minha fantasia!*, da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, vice-campeã em 1989. De lá para cá, se passaram quase dez anos de pesquisa e muitos desfiles estudados.

No Ceart, desde o começo dos anos 2000, venho orientando pesquisas de TCC sobre o carnaval. Uma pequena amostra dessas pesquisas começa no curso de Teatro, onde Gisele de Luca defendeu em 2003 o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *A escola de samba: da organização ao espetáculo*, sobre a agremiação paulistana Acadêmicos do Tatuapé, vencedora do concurso paulistano de 2019, na qual Gisele integra a Comissão de Frente. Em 2011, a estudante do curso de Moda Catarina Andrade Correia escreveu sob minha orientação a monografia *A criação de fantasias na escola de samba. União da Ilha da Magia (2009-2011)*, agremiação florianopolitana na qual a pesquisadora é Rainha de Bateria. Também orientado por mim, o estudante das Artes Visuais Denilson Cristiano Antonio escreveu a monografia *O Berbigão do Boca: o artista, a história e a cultura* em 2014; além de pesquisador, Denilson é o artista que produz os grandes bonecos do bloco que abre o carnaval de Florianópolis.

Minha pesquisa atual se chama *Imagens Políticas no Carnaval das Escolas de Samba*. Dada a centralidade de minhas referências na teoria crítica de Walter Benjamin (1892-1940) e no teatro negro brasileiro, investigo o encontro entre arte e política também no carnaval. Nos últimos anos, os desfiles carnavalescos das escolas de samba têm ocupado a vanguarda na expressão artística da crítica sociopolítica da atual conjuntura brasileira - o que tem me dado muito trabalho investigativo. Os desfiles da Paraíso do Tuiuti e da Beija-Flor de Nilópolis, respectivamente vice-campeã e campeã do Grupo Especial carioca de 2018, assim como o da Estação Primeira de Mangueira, campeã de 2019, desfilaram, respectivamente, os seguintes enredos: *Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?*; *Monstro é aquele que não sabe amar – os filhos abandonados da Pátria que os pariu*; e *História para ninar gente grande*. Esta pequena lista de três escolas de samba e seus enredos campeões que falam dos escravizados, dos abandonados e da história que a história não conta parecem ser suficientes para demonstrar que teremos muita pesquisa a fazer sobre o carnaval nos anos que se seguem.

O carnaval brasileiro brilha aos olhos do mundo, atrelando manifestações artísticas ao prazer popular e crítica política aos anseios sociais. Tem tudo para continuar forte e vivo, nas ruas e nos sambódromos, assim como para fazer crescer e mostrar seu valor na produção acadêmica de pesquisas do Ceart. ■

<sup>1</sup>A expressão "casa grande e senzala" estabeleceu-se no imaginário nacional a partir da publicação de livro homônimo, de autoria de Gilberto Freyre (1900-1987). Nele, o sociólogo pernambucano apresenta sua interpretação das relações entre branco colonizador e indígenas e negros escravizados na Colônia Portuguesa estabelecida na América.

Fátima Costa de Lima é professora doutora do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Pós-Graduação em Teatro do Centro de Artes da Udesc. Coordena o Programa de Extensão NEGA – Negras Experimentações Grupo de Artes e o Coletivo de Pesquisa Imagens Políticas.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Fratsch Vieira. São Paulo: Annablume/Hucitec, 2002.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, 1º volume (Coleção Documentos Brasileiros). 8ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1954.

HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. Tradução de Walter H. Greenen. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

LIMA, Fátima Costa de. *Alegorias benjaminianas e alegorias proibidas no sambódromo carioca: o Cristo Mendigo e a Carnavalíssima Trindade*. Florianópolis: Tese de Doutorado do PPG de História-CFH-UFSC, 2011. Disponível em: <<https://issuu.com/marcelooreilly/docs/0264-fatimacostadelima>>. Acesso em: 17/09/2019.

\_\_\_\_\_. *Espaços de encontro no teatro e no carnaval*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado em Educação e Cultura-FAED-UDESC, 2003.

RECTOR, Monica; ECO, Umberto; IVANOV, V.V. *Carnaval!* Traducción de Monica Mansur. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.



**Canto para quem é de noite. Apresentação artística do Coletivo NEGA durante o evento “Ceart Aberto à Comunidade”**

Direção: Coletiva. Foto: Laís Moser



**A cantora careca. Espetáculo produzido na disciplina de Montagem Teatral I e II da Udesc em 2019**

Direção de Paulo Balardim e Fabiana Lazzari. Foto: Nicolas Haverroth



**Poeira. Espetáculo produzido na disciplina de Interpretação Teatral IV em 2018**  
Direção e elenco: Luan Renato. Orientação: Maria Brígida de Miranda. Foto: Jerusa Mary



**Guerreiras Donzelas – Elas Mudaram a História. Espetáculo apresentado no evento “Ceart Aberto à Comunidade”**

Elenco: Jussyanne Emidio e Luane Pedroso (em cena). Direção: Brígida Miranda. Foto: Laís Moser



Foto: Heitor Lehmkuhl

## Hallceart Audiovisual

Revista Hallceart amplia produção de conteúdo com minidocumentários sobre ações e projetos do Centro de Artes

Por Lais Campos Moser e Rafael Prudencio Moreira, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

Expandindo a produção da revista Hallceart para as mídias sociais, lançamos em 2019 a Hallceart Audiovisual, que consiste em documentários de curta duração para canais como o Youtube e o Instagram TV do Centro de Artes (Ceart) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

Com durações aproximadas entre 5 e 10 minutos, os documentários trazem - de forma leve e dinâmica - ações, pesquisas e projetos desenvolvidos na Udesc Ceart, nas áreas de Artes Visuais, Design, Moda, Música e Teatro, possibilitando a abordagem de temas com maior profundidade e visando maior alcance de distribuição das informações.

Um dos objetivos é abordar a multiplicidade de ações e de projetos desenvolvidos no Centro de Artes, em uma perspectiva de socialização de saberes e de conhecimento. A iniciativa também busca ampliar e consolidar a visibilidade da instituição, mostrando como o Centro impacta na sociedade.

Confira os documentários já lançados, produzidos pelo Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart.



[bit.ly/hall-musica infancia](http://bit.ly/hall-musica infancia)



### #1 - Música na infância

A primeira edição da Hallceart Audiovisual mostra alguns projetos da Udesc e desenvolve o tema através de entrevistas com professores e pesquisadores da área.



[bit.ly/hall-modateca](http://bit.ly/hall-modateca)



### #2 - Modateca e teciteca

A modateca e teciteca da Udesc detêm um acervo de moda de Santa Catarina, que auxilia a compreender a história. Este acervo é aberto ao público para curiosos e pesquisadores.



[bit.ly/hall-ceramica](http://bit.ly/hall-ceramica)



### #3 - Arte cerâmica

A arte da cerâmica é quase tão antiga quanto a história humana. O documentário explora questões filosóficas, históricas e terapêuticas da transformação da argila.



[bit.ly/hall-animacao](http://bit.ly/hall-animacao)



### #4 - A vida no teatro animado

De onde vem a vida no teatro animado? Seria o público, o artista ou existe algo realmente vivo dentro dos bonecos, sombras e outros elementos que formam o Teatro de Animação?



[bit.ly/hall-teatronas prisoes](http://bit.ly/hall-teatronas prisoes)



### #5- Teatro nas prisões

Teatro na prisão também faz-se presente. A quinta edição da Hallceart Audiovisual entrou na penitenciária feminina de Florianópolis para entender como funciona o projeto do professor Vicente Concílio.





revista de distribuição gratuita



**UDESC**  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DE  
SANTA CATARINA

**CEART**

CENTRO DE ARTES • UDESC